

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

KAMILA VILELA DE SOUZA

COMO CONCHAS À BEIRA-MAR:
FRAGMENTOS DE VIDA

VITÓRIA – ES

2019

KAMILA VILELA DE SOUZA

COMO CONCHAS À BEIRA-MAR:
FRAGMENTOS DE VIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Professora Dra. Leila Aparecida Domingues Machado.

VITÓRIA – ES

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

KAMILA VILELA DE SOUZA

COMO CONCHAS À BEIRA-MAR: FRAGMENTOS DE VIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO

Prof.^a Dr.^a Leila A. Domingues Machado
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Figueiredo Louzada
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro interno

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Membro externo

Prof.^a Dr.^a Maria Carolina de Andrade Freitas
Universidade de Vila Velha
Membro externo

Vitória, 27 de fevereiro de 2019.

Agradecimentos

Ana aproveitava os carinhos do mundo
Os quatro elementos de tudo
Deitada diante do mar
Que apaixonado entregava as conchas mais belas
Tesouros de barcos e velas
Que o tempo não deixou voltar
Onde já se viu o mar apaixonado por uma menina?
Quem já conseguiu dominar o amor?
Por que é que o mar não se apaixona por uma lagoa?
Porque a gente nunca sabe de quem vai gostar

(TEATRO MÁGICO, 2003)

diários. infames. brincar. barco. vidas. crianças. carona. maresia. amor. cidade. solidão. rastros. escuta. olhar. ellida. desconstrução. bolsa. leituras. corpo. vozes. experiência. monotonia. afeto. parceria. lentidão. mar. retalhos. amigos. loucos. inusitado. movimentos. fragmentos. nada. varanda. véia. rasgos. mergulho. areia. vaga-lumes. café. inesperado. amator. angústia. dor. rugas. espuma. pulsantes. incômodo. velho. encontros. dúvidas. vida. poesia. sucatas. lis. angústia. paralisia. coletivo. oceano. cerveja. medíocres. companhia. caminhada. casa. cheiro. rua. desacelerar. tela. fluxo. ilha. concha. cama. sorriso. rasuras. bairro. sofá. lágrimas. histórias. feminino. sobreviventes. abraço. banal. verde. pele.

Resumo

Andamos pela cidade, tomamos um café na varanda, conhecemos vidas que a sociedade tentou apagar. Vidas marcadas por internações manicomiais e que foram durante muitos anos caladas. Durante encontros semanais em uma casa na cidade de Cariacica – ES, conversamos com alguns senhores e em alguns momentos escutamos histórias de vida, geralmente narrativas fragmentadas feitas de vestígios e, nesse trabalho, contamo-las: são nossas conchas. Amadoramente fotografamos pedaços, restos e expressões. Como carta náutica, marcamos pontos breves na história mostrando em que momento a medicina tenta se apropriar da loucura, e esta passa a ser considerada doença mental. Compomo-nos junto, nos misturamos e sentimos. Aqui são apresentadas poucas palavras que narram vidas, que narram histórias, que narram o cotidiano. Habitamos essa casa, mas também caminhamos, pois entendemos a cidade como lugar de potência, de criação e de desconstrução – somos andarilhos da beira da praia. Sim, a praia, mais precisamente a água nos acompanhará nesse percurso. As ondas nos guiam, o mar nos fortalece, a areia nos tira do conforto.

Palavras-chave: Loucura. Narrativa. Cidade. Clínica.

Abstract

We walk through the city, have a coffee on the balcony, meet lives that Society has tried to erase. Lives marked by manicomial hospitalizations and which have been silenced for many years. During weekly meetings in a house in the city of Cariacica – ES we talked to some gentlemen and in some moments, listened to their life stories, generally fragmented narratives made of vestiges and in this text, we narrate them: they are our shells. Amateurishly we photograph pieces, rests, and expressions. Like a nautical chart, we mark brief points in history, showing the moment when the medicine tries to appropriate madness and passes to consider it a mental illness. We compose together, we mix and we fell. Here we present a few words that narrates lives, which narrates histories, which narrate the everyday. We inhabited this house, but we also walked, because we understand the city as a place of potency, of creation and deconstruction – we are walkers along the beach. Yes, the beach, but precisely the water that followed us in this journey. The waves guide us, the sea strengthens us, the sand takes us from comfort.

Keywords: Madness. Narrative. City. Clinic.

Sumário

Itinerário	11
A(mar): uma aposta no olhar ama(dor)	20
O Presente do Mar	26
Coleciona(dor) de conchas	33
Chegando à Ilha	41
Uma breve marola nas ondas desse imenso mar	63
Primeira Onda: A Loucura Divina	67
Segunda Onda: Nau dos Loucos	68
O Mar em sua Multiplicidade	73
Terceira Onda: Assombro	75
Quarta Onda: Silêncio	76
A Loucura foi Ancorada	77
A Impossibilidade do pensamento	81
Atire-me ao mar: Mar de gente	86
.....	96
Referências	98

Abro um livro, sinto cheiro de velho, de verbo estancado
daqueles que há muito não são lidos, talvez nunca tenham sido.
A capa não é muito atraente, em compensação a textura, hum a textura...
remete a pele de avó, com aquelas ruguinhas,
com aquelas veias estufadas.
Pele de quem já muito trabalhou, quem muito acariciou,
de quem apanhou da vida.
De cheiro de livro velho, agora sinto cheiro de vó.
Quando abro encontro o título corroído pelas traças,
quase não identifico... parece algo que fala de vida, que fala de força,
que não fala.

A introdução já alerta que não há histórias de amores, não há comédia, não há leveza.

O que há é a realidade, o mais dura quanto a vida deu conta de ser.

O que há rasga, esgarça, faz perder o chão e prender a respiração.

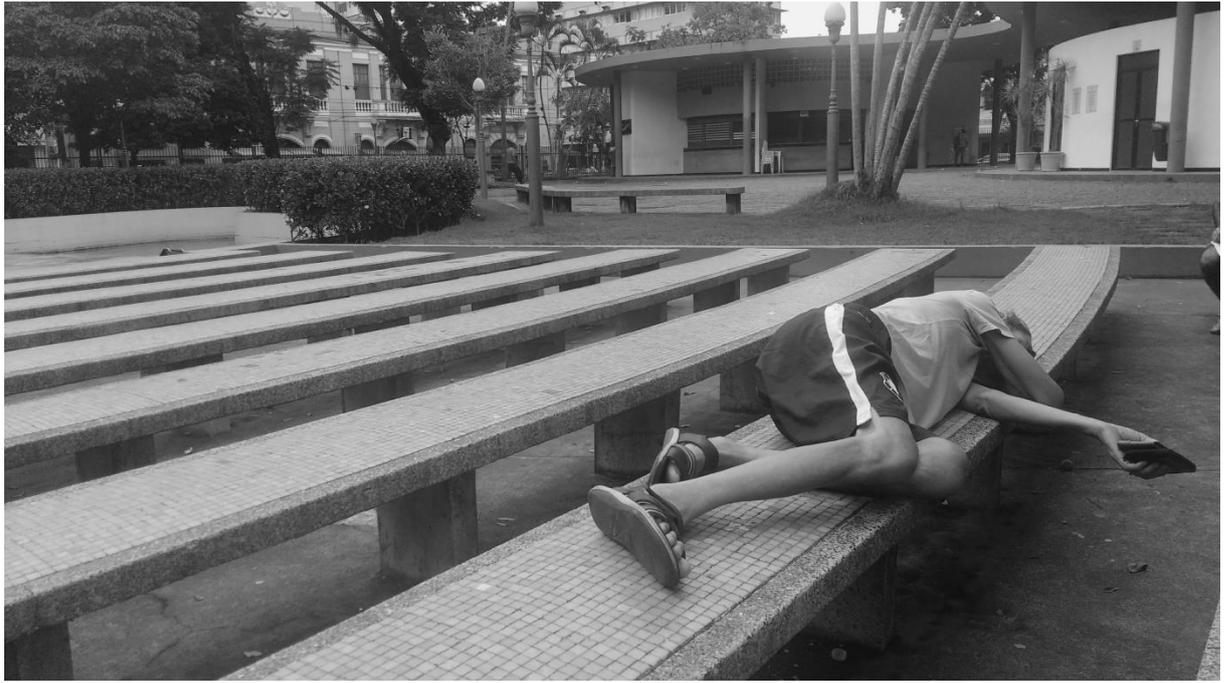
O que há é o que foi possível, o vivível.

Essas histórias falam do banal, do cotidiano, do sujo, do corroído. Falam de vida.

Vida narrada por um olhar

Sinto cheiro de velho.





Itinerário

Você choraria por mim?
 Contaria a minha história?
 Eu não tenho história.
 Dizem que vão me ajudar.
 Para eu ter fé na humanidade.
 Para eu não perder a esperança.
 Eles desapareceram. Eu não. Eu continuo aqui.
 Você está me vendo?
 Está ouvindo as minhas vozes?
 Não está ouvindo?
 (PINTO, 2016)

Esta história se inicia em 2014. Mal sabia que esse ano seria marcado por suor, sangue e saudade. Mediante uma escolha de um estágio – e que não seria qualquer escolha – abriu-se um campo de devires, de intensidades, de bons encontros. Uma quebra se efetivava a cada semana: cada encontro mostrava que a regra ali era talvez uma não regra, o não planejado, o inesperado, o inusitado. A regra do jogo era o afeto. Essa experiência se deu em uma Residência Terapêutica (RT)¹, mediante a escolha desse campo para realização de estágio básico durante a graduação em Psicologia em uma universidade particular de Vila Velha.

Durante um ano estive com esses moradores habitando a casa, andando pela rua, conhecendo a vizinhança. Também passeamos, fizemos piquenique, andamos de ônibus, de carro e a pé. Sorrimos, cansamos, apanhamos. Pensamos em desistir? Sim. Pensamos em práticas manicomiais? Muitas vezes. Sim, a captura existe. Não é só sair da parede do manicômio para que tudo se resolva. Ele está na cidade, está nas nossas práticas, está entranhado de muitas formas. A lógica manicomial nos atravessa. Questionar nossa própria vivência penso já ser um caminho, um tortuoso e gratificante caminho. Mas dói. Se perceber com práticas, com olhares e escutas manicomiais, dói. Mas também faz crescer, amadurece, esgarça, deixa o corpo flexível e sensível. Ficamos chatos, questionadores, ficamos mais humanos. Porém, ainda caímos.

O fim desse estágio marcado por um dia com muito churrasco e moda de viola nunca se deu de fato. Somente o vínculo burocrático foi rompido. Ainda hoje nos encontramos em nossas festas juninas, festas de fim de ano e eventos que estão a cada dia mais

¹ Residência Terapêuticas (RTs) são moradias, espaços para viver de pessoas que foram internadas em hospitais psiquiátricos e não contam, no seu retorno a comunidade, de suporte adequado. Mais informações podem ser consultadas no site do Ministério da Saúde: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/120.pdf>.

afastados, pois a vida acaba tomando outros caminhos. Mas só de escrever sobre essas pessoas, sobre a relação que estabelecemos, sobre o amor, meus olhos se enchem de lágrimas e relembro momentos e falas que nunca esquecerei. Havia um senhorzinho emburrado que vivia falando que era um velhinho cansado, pedreiro aposentado de Nova Venécia; outro que só pensava em ir para a rua, nem me dava tempo de chegar e guardar a bolsa; uma senhora que se dizia muito católica e adorava ir ao Convento tirar foto com o padre, mas acendia uma vela para cigana à espera do marido; e o morador que sempre me mostrava as chaves dos carros que estavam estacionados lá fora.

Muitas histórias ali se passaram, muitos momentos de angústia, muita desconstrução da forma como eu via o mundo, da forma como me relacionava com o outro. Só tenho a agradecer a sete moradores e uma psicóloga/coordenadora que me apresentaram esse mundo lindo – sem romantismo – que é o campo da saúde mental.

Para o pré-projeto, que é requisito para entrada no mestrado, trago uma angústia que me acompanhou desde essa experiência: o olhar do outro sobre o dito louco, um olhar que por muitas vezes me rasgava a alma, um olhar de desprezo. Um olhar que exclui e ignora, um olhar que anula o outro como um ser. Pessanha (2013) nos faz pensar que o escritor tem muitas vezes, ou na maioria das vezes, apenas uma ferida, algo que ele nem sabe nomear, mas para o qual ele cede silêncio, ou apenas palavras que titubeiam. Mas apesar da importância de tentar compreender esse olhar, precisava mudar, precisava ouvir a voz de quem nunca é escutado, de quem teve a vida silenciada. Queria escutar vidas, escutar sobre vidas, escutar com vida.

Antes que a palavra
invada a face
o olho arde
(CHIEPPE, 2009, p. 11)

E assim inicia-se em 2017 uma viagem, uma viagem com duração de dois anos, uma viagem que começa em um barquinho, um barquinho à deriva com uma navegadora que busca ansiosamente uma bússola, mas ao mesmo tempo quer deixar as ondas a levarem... Quer explorar, viver, sofrer e sorrir na ilha, mas também quer aproveitar tudo o que o oceano pode oferecer, quer viver a angústia de não saber aonde ir, o que

encontrar. Quer experienciar, é isso! Se vê nessa imensidão e lá ao longe localiza uma terra que faz os olhos brilharem, se lembra então de como é bom ter onde chegar, campos a conhecer, poder se misturar à areia, correr, mergulhar, pegar a energia do sol, catar conchas ou ficar apenas ali vendo as ondas indo e vindo... “numa indecisão saborosa entre o fluxo do rio e a fixidez da cidade” (PELBART, 1956, p. 22).

A experiência é o que nos toca, nos passa, nos acontece. Singular. Informação não é experiência, opinião não é experiência, aprendizado não é experiência. É cada vez mais rara por excesso de trabalho, falta de tempo. Excessos. Velocidade.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

O sujeito da experiência não se define por atividade, mas por disponibilidade, receptividade e abertura. Sujeito como território de passagem, como aquele que se expõe, aquele que sente, que se afeta, que afeta. O sujeito da experiência para Bondía (2002) não é aquele que tem opinião, que julga, que se opõe e/ou impõe, tampouco aquele no qual nada ocorre. Mas sim aquele feito de paixão, de paciência e de atenção.

A velocidade é uma forma de êxtase, de foco, velocidade em si/por si mesma. Produção, corrida, obstáculos que devem ser ultrapassados. O que aconteceu com a lentidão? Com o se demorar nos detalhes, com o ir devagar, com o sentir o processo? Sobre esse aspecto, Kundera (2011) faz questionamentos:

Por que o prazer da lentidão desapareceu? Ah, para onde foram aqueles que antigamente gostavam de flunar? Onde estão eles, aqueles heróis preguiçosos das canções populares, aqueles vagabundos que vagavam de moinho em moinho e dormiam sob as estrelas? Será que desapareceram junto com as veredas campestres, os prados e as clareiras, com a natureza? (p. 8).

Lentidão não é o oposto de velocidade, não é falta de energia, tampouco falta de imaginação. Lentidão é uma escolha, que nada tem de passividade. É um desacelerar, não planejar, não buscar um guia. As singularidades são incontornáveis, é preciso lidar

com elas, com o que já existe. Lentidão é uma escolha, sem fórmulas (SANT'ANNA, 2001).

Além de Sant'Anna (2001) e Kundera (2011), temos outro parceiro de caminhada que nos ajuda a pensar sobre a lentidão: Gros (2010). Ele reforça a ideia de que lentidão não é oposto da rapidez, mas é o contrário da precipitação. É subverter, contornar, desviar. Caminhar é colocar-se fora do caminho. Não é necessário, portanto, ir muito longe. “Para caminhar, são necessários antes de tudo duas pernas. O resto é supérfluo” (p. 10). Caminhar não é buscar, não é explorar, não é para ser algo interessante, não é obrigação. Caminhar é monotonia, é colocar um pé em frente ao outro, e apenas andar. Sem experiência, sem competência, como uma verdadeira brincadeira de criança que nunca viu nada tão belo, porque não compara. Resgate.

Ao caminhar, escapa-se a ideia de identidade, a vontade de ser alguém, de ter um nome importante, de ter uma história. Escapa-se a ideia de achar/procurar algo exótico que marque uma aventura.

Vê-se tanta gente que caminha para ir longe e contar tudo o que viu por aquelas bandas: achados necessariamente fabulosos, acontecimentos forçosamente épicos, paisagens sempre sublimes, alimentos evidentemente sem cabimento. Grandes feitos. (GROS, 2010, p. 97)

E nessa busca por uma ilha, a Residência Terapêutica surge mais uma vez na vida dessa navegadora como possibilidade. Nova experiência. Novo. Desacelerar. Escutar. Sentir. E em uma primeira ancoragem nessa nova ilha, conheci um sorriso, um sorriso dos dentes podres, um sorriso que acolheu e ofereceu rota:

Enquanto fumava seu cigarro em uma convidativa escada, conversávamos sobre Narrativas e Biografemas. O que nossa inocência (?) não contava é que ele não só entendeu os conceitos, como propôs um terceiro: “Tela, como uma novela com várias histórias e que ninguém sabe o fim” (Diário de Bordo. 04 de maio de 2017).

E seguindo essa pista, nossa proposta é de escutar, recolher fragmentos e fazer ressoar vozes, vozes essas caladas, deslegitimadas. Os fragmentos incomodam, representam incompletude, podem ser apenas cacos de um discurso, porém, “raspas e restos me interessam” (BARÃO VERMELHO, 1984), rastros também. Vestígios, fragmentos, estilhaços.

Escrita por pedacinhos, escrita curta, “gostando de encontrar, de escrever começos, ele tende a multiplicar esse prazer: eis por que ele escreve fragmentos: tantos fragmentos, tantos começos, tantos prazeres” (BARTHES, 1977, p. 101). Escrita em fragmentos que não pretendem dar conta de contar toda uma vida, não pretende ser cronológica, fidedigna, tampouco linear e sequencial. O “germe do fragmento” (BARTHES, 1977, p. 101) (por que não germe do pensamento?) pode surgir em alguma conversa aleatória, nas andanças pela cidade, durante um café ou após o mergulho no mar. Cada pedacinho é uma obra, cada concha se basta. “O não acabamento de uma vida é o grande legado que uma biografia pode oferecer” (COSTA, 2010, p. 48).



Histórias de vidas infames (FOUCAULT, 2003). Cartografar vidas, vidas fragmentadas. Vidas escondidas pela poeira do esquecimento. Colher histórias em forma de narrativas, histórias de vida que poderiam ser a história da minha vida, da sua vida, de qualquer um. História de novela, história calada, dizimada, dissecada, ficção. Vidas marcadas pela inexpressão, anonimato. Vidas extraviadas. História remendada e contada por outras vozes, reinventada, que passam pela existência e não deixam rastros – como se não tivessem existido. Histórias de homens indignos, medíocres: histórias familiares. “O que nos surpreende e interessa é a sua capacidade de expressão, sua resistência em se manterem dizendo algo quando todo o entorno lhes impõe esquecimento e letargia” (FONSECA, 2010, p. 41). O que nos interessa é o que escapa e também “todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas” (FOUCAULT,

2003, p. 213), dizer do banal. Monotonia. Foerster (1996) nos alerta que não há relatos velhos e enfadonhos, o que há são ouvidos envelhecidos e escutas enfadonhas. Como escutamos essas histórias?

Daniela Arbex (2013) em seu livro *Holocausto Brasileiro* se propõe a devolver nome e história a homens esquecidos do grande hospital psiquiátrico de Barbacena (MG), conhecido como Colônia – marcado com pelo menos 60 mil mortes. Dentre várias histórias que nos cortam a carne, temos Antônio: 20 anos mudo porque ninguém lembrou de perguntar se ele falava. Não vamos aqui investigar histórias, mas contá-las, escutar histórias de vidas que podem tirar Antônio desse lugar de silenciamento. *Deshistorización*.

O louco não é sujeito *de* uma *subjetividade*, sujeito a um *poder* nem portador de um *saber*. A loucura descampada é a ruína da tríade que nos constitui: Saber, Poder, Subjetividade. O louco antes de tudo é àquele que "*não sabe*" (não vê o que é, não fala o que é, não sabe o que fala, não sabe o que vê, não sabe que não sabe, acredita no que percebe embora não perceba o que vê, e percebe mais do que vê), que "*não pode*" (gerir bens, ser eleito, situar-se numa relação de forças, ter autonomia, sujeitar-se a um trabalho, obedecer, respeitar, ser adequado), que "*não é sujeito*" (desestruturado, sem centro, Nome-do-Pai foracluído, não se relaciona consigo mesmo, nem com os demais) (PELBART, 1989, p. 164).

>> “Qual é mesmo o meu nome?”² <<

Se o louco nada sabe, nada pode e nem sujeito é, como vai falar de sua própria vida, de sua própria experiência? Foi dessa forma calado. Escutar o louco. O que é a loucura? Como escutar? Como produzir nessa fala?

Toda quinta-feira, às 13h, nós, integrantes do Laboratório de Imagens da Subjetividade (LIS) – coletivo de estudos e supervisões sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Leila Domingues Machado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPSI/UFES) – vamos a

² Trechos colhidos em conversas.

uma residência terapêutica (RT) localizada em Santana, Cariacica- ES, e lá passamos nossa tarde.

Essa casa tem oito (às vezes sete, às vezes seis) moradores do sexo masculino (esse aspecto também poderia render uma discussão, porém, acredito que isso levaria esse trabalho para outro caminho, no qual não daria conta, pela questão do tempo e do conhecimento) que tiveram a vida marcada por internações psiquiátricas, e junto a esses senhores (não tão senhores) nossa pesquisa se desenvolve. Com eles conversamos, passeamos, jogamos, ou ficamos apenas em silêncio. Com eles, nos colocamos a escutar e a recolher fragmentos de histórias de vida. Conversamos durante nossas andanças pelo bairro, sentados na praça, conversamos durante o café, sentados na beira da cama e onde mais a conversa surgir, onde o silêncio se desfaz ou onde o corpo convoca.

Essa pesquisa se construiu como coletivo, onde as idas a campo puderam ser acompanhadas por amigos que fortalecem, ancoram e por que não dizer: tomam caldo junto. Sim, os caixotes doem menos, ou causam menos impacto quando podemos segurar na mão de alguém, quando estamos trôpegos comendo areia, alguém estende a mão. A companhia para assumir junto, queimar junto, rir junto. Coletivo de todos os moradores que tanto me ensinam, onde tantas vezes me sinto cuidada. Onde me permitem entrar e estar.

Coletivo também de leitura, de orientação. Coletivo ainda de autores que se emprestam para que a pesquisa se desenvolva, autores que por vezes são esgarçados. Coletivo da banca, que não foi escolhida de forma superficial, mas de um verdadeiro mergulho de cuidado, delicadeza e potencialidade. Nos ajuda nessa construção, o pensamento de Sant'Anna (2001):

quando aumenta a sede de encontrar companheiros é preciso insistir: há uma grande diferença entre um corpo que ressoa unicamente para ele mesmo e um corpo que serve de passagem de forças (...) há uma imensa distância entre corpos que somente passam por todos os lugares e aqueles que, realizando ou não tais viagens, se tornam eles mesmos passagens (p. 107).

“Eles passarão, eu passarinho” (QUINTANA, 2005, p. 257). Caminho, pa(i)ssagem. Corpo-passagem. Corpo-passarinho.

Nosso “Itinerário” tem importantes pistas metodológicas sobre o trabalho que seguirá. O primeiro subitem nomeado “A(mar): uma aposta no olhar ama(dor)” convoca a um outro olhar, um olhar sem intenção, sem procura, porém atento ao que se passa, ao que

convoca. Costuramos nessa parte as fotografias aqui utilizadas, seu processo de captação e escolha e ainda as apostas relacionadas. Nossas principais companhias nesse momento foram Barthes e Deleuze.

Nossos rastros de escrita, acompanhados por Lispector e Preciosa compõe o subcapítulo “O Presente do mar”, no qual algumas angústias do processo de escrita são compartilhadas. O feminino e o mar ensaiam um flerte também nesse item.

Benjamin nos é suporte em relação ao contar uma vida no subitem do nosso Itinerário que vamos chamar de “Coleciona(dor) de Conchas”. Conchas serão as narrativas que compõe esse trabalho. Nossas conchas foram colhidas na beira do mar: forjamos o narrador-sucateiro. Nesse item refletimos sobre nossa escuta e reafirmamos nossa aposta ética-política perante as vidas que encontramos. Perante a nossa vida.

“Chegando à Ilha” narra nossa experiência de ida às casas, os caminhos que percorremos, assim como nossos questionamentos, dificuldades e a potencialidade dos encontros. Mostramos os momentos que parecíamos ter um andar tranquilo e os momentos que tomamos caldo. Afeto. Traçamos ainda nesse capítulo nossas andanças pela cidade-maré tentando construir um breve referencial da cidade como lugar de potência, como lugar do possível.

Em “Uma breve marola nas ondas desse imenso mar” construímos de forma breve um percurso da loucura no decorrer da história tentando abarcar principalmente a relação da loucura com a água e em que momento a loucura passa a ser considerada doença mental e é silenciada. Para compor essa paisagem, convidamos Amarante, Basaglia, Foucault e Pelbart.

Como fechamento dessa dissertação, será apresentada nossa coleção de conchas. São fragmentos de histórias que não têm pretensão de contar toda uma vida. São fragmentos, estilhaços, rastros.

Concluimos de forma rápida para que as conchas continuem a ressoar (em) suas vidas.



Muitas interrogações e muitas que ainda estão a surgir. E que bom por isso. Este trabalho não pretende responder, mas questionar a própria prática, a própria escrita, o como estar no campo. E escutar: escutar quem tem voz, escutar pessoas, escutar vida que pulsa. Calar. Experimentar. Não temos a pretensão de que esse trabalho tenha conclusões, mas que as inconclusões possam abrir caminho a novas intervenções: “A processualidade transforma a vida em um constante fluxo-questão, faz as certezas serem provisórias, nos torna permeáveis ao devir” (MACHADO, 1999).

Ondas, correntes marítimas refrescam, movem corpos e embarcações, assim como afogam e destroem implacavelmente. Nos oceanos nada possui uma única qualidade. Do mar não espere nada puro, ausente de contato, assim como qualquer coisa soberana em si mesma para viver. Em grãos de areia,

conchas, moluscos, pérolas, ossos humanos, algas, espumas das ondas, encontram-se muitas presenças. Em cada ser reverberam os efeitos da lua, a modulação dos ventos, a ausência deles, assim como a ambição dos homens e a potência do meu reino que a torna inútil. Restos do mundo humano transformam-se em outras formas de vida; são forjados pelo tempo do mar. Você desconhece este tempo (BAPTISTA, 2018, p. 403).

A(mar): uma aposta no olhar ama(dor)

Sabe aquele momento que vamos passear na praia? Passar um dia no sol... Repor as energias e relaxar. Mas temos o vento... há o vento... ele não passa despercebido. O vento refresca, mas também muda a maré. O vento e sua posição podem ser sinais de tempestade, de frio, indício de boa pesca, ou não. O vento nos faz passar um dia mais agradável ou de muita chicotada de areia nas pernas. Alguns gostam de sua presença, outros não. Alguns gostam quando é discreto, outros gostam mesmo é de ouvir seu assobio. Forte, forte. Balança árvores, cria novos contornos na água, carrega areia. E mesmo quando ele aparentemente está parado, ele se faz presente. É só olhar a bolsa, é só olhar o celular. Observe ainda os detalhes do seu corpo. Em todo lugar tem areia. Ele não pede licença, ele não espera autorização. Ele só está. E ponto. Assim serão nossas fotografias: surgem, sem explicação, sem autorização. Talvez impacte alguma coisa em alguém, talvez não. Talvez mude algumas marés. Não conhecemos os ventos, assim como não sabemos sobre fotografia. O que segue são apenas rastros do vento na praia, aquelas pequenas marcas que parecem ondas, apenas vestígios.

O que o vento irá modificar é difícil saber. Talvez algum estudioso da área possa ajudar a controlar ou prever suas nuances, nós não. O vento é como o processo da fotografia. Algo se passa como virtualidade e toca, vibra, convoca. Punge. Deposita areia. Em apenas um clique do operador (fotógrafo), esse momento, esse vestígio de momento é captado. É o registro de um olhar. Deleuze (1985) chama esses momentos de “instantes privilegiados” (p. 11), esses átimos são pontos marcantes e/ou singulares, é um instante qualquer no movimento. Esses são reproduzidos pela fotografia ao infinito – ela repete de forma mecânica o que não mais ocorrerá de forma existencial (BARTHES, 2017). Outro vento jamais será igual. Jamais.

Instantes. Uma tarde chuvosa e uma conversa à mesa. Falamos de música, de política, de relacionamentos. O cheiro do bolo já nos alcançava. Entre olhares, sorrisos e afetos, coisas se passam como comentários indevidos, roupas com a marca do hospital psiquiátrico, ventilador virado para a janela, falta de água, porém, tem algo que me atrai: as rugas. Capto essa imagem e me interrogo: “de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?” (BARTHES, 2017, p. 13). *Punctum?*

Punctum é um conceito de Barthes (2017), que mais do que tomar de empréstimo, vamos aqui esticá-lo para falar não somente de fotografias já prontas, mas do processo de captar essas imagens, o que do ambiente pica, flecha, fere-nos. *Punctum* é um detalhe, é algo que abre fendas em nossa pele enrijecida e no que há de mais concreto da cidade. Algo que atrai sem precisar escrutar. Pontos. Não leva em consideração a moral, ou o que é de bom gosto. Um detalhe, que preenche toda a fotografia. Um detalhe que se sobressai ao ambiente, dá o estalo: “pela marca de alguma coisa, a foto não é mais qualquer. Essa alguma coisa deu um estalo, provocou em mim um pequeno abalo” (BARTHES, 2017, p. 49). Ela existe, para mim. Banalidade. Singularidade.

Barthes (2017) defende que a fotografia é subversiva quando faz pensar. As rugas me fizeram pensar. Rugas como paisagens, não visitáveis, mas habitáveis. Rugas que me transportaram para outros espaços, para tempos utópicos: “sinto cheiro de velho” (a autora, 2017). Rugas como montículos de areia do asfalto, como algo que rompe com o cinza do concreto, a aridez da cidade. Não só as rugas, mas todas as imagens que aqui se apresentam formam e foram esses montes de areia. Junto com as narrativas, falam por si, e têm muito a dizer. As fotografias não precisam de nossas palavras.

A fotografia deve ser silenciosa, dizia Barthes (2017). Para ver bem uma foto, deve-se retirar seu “blá-blá-blá costumeiro” (p. 55), fechar os olhos e não ter nada a dizer. A imagem não apenas se vê, mas sente-se, escuta-se. Para Deleuze (1985), a imagem “é tão legível quando visível” (p. 19). Existe uma imensidão de afetos ali presentes. Precisamos ativar nossa sensibilidade para percebê-la. É preciso se dispor, demorar-se nos detalhes: “Se gosto de uma foto, se ela me perturba, demoro-me com ela. Que estou fazendo, durante todo o tempo que permaneço diante dela? Olho-a, escuto-a, como se

quisesse saber mais sobre a coisa ou a pessoa que ela representa” (BARTHES, 2017, p. 92).



Quando se enquadra um instante no foco, limita-se. Limite esse que não diz de uma limitação para existência dos corpos, mas limite que convida a continuar, a imaginar, a entrar na cena e mergulhar nas vidas que a compõe. Que vida é essa que tem marcas de ruga? Quais histórias elas trazem? A foto é um corte imóvel, uma captação. Captura? Capta-se a imagem registrada, capta-se o olhar de quem registra, capta-se quem se demora na imagem. Composição mútua: “As imagens exteriores agem sobre mim, transmitem-me movimento, e eu restituo movimento: como as imagens estariam em minha consciência, posto que eu próprio sou imagem, isto é, movimento?” (DELEUZE, 1985, p. 70).

As fotografias que compõem esse trabalho foram feitas de maneira bem rudimentar. Não pensamos, na verdade nem temos conhecimento, de técnicas como enquadramentos, planos ou ângulos. Tampouco equipamentos profissionais ou lentes específicas. O que temos é um celular e um olhar. Apenas ativamos nossa sensibilidade para o que se passa, para o campo de forças que nos compunha: “o fotógrafo encontrou o bom momento, o kairos do desejo” (BARTHES, 2017, p. 59). *Punctum*.

Barthes (2017) discorre sobre o amador. Ele é definido como uma “imaturação do artista” (p. 92), porém, ele que se mantém mais próximo das ideias da fotografia. Talvez por não buscar apenas o *studium*, ou seja, o culturalmente aceito, o contratado para consumidores, o que desperta o interesse geral. Amador não é só aquele que se dedica a algo por curiosidade, ou por vontade, mas também (e por que não principalmente) é

aquele que ama. Olha e escuta de forma amorosa: sem pretensão, sem obrigação, sem regras pré-estabelecidas que engessam. Ama(dor).

Apostamos nesse trabalho no amadorismo, no imaturo, no que não tem pretensão de ser ou de causar nada. O amador é aquele que sente onde algo estala e pede passagem. Pede não, se impõe. Todas as imagens foram de momentos rotineiros, momentos comuns. Momentos que poderiam passar despercebidos se não fosse por um olhar amoroso que se coloca à espreita. Um olhar para as existências infames. Não só um olhar, mais um corpo que se mistura, que não se envergonha de estar ao lado, que destrói distâncias desse corpo barrado pela história. Corpo-sem-vergonha.

O amador experimenta: experimenta o próprio fazer, o próprio saber, o não saber. Experimenta o jejum. Experimenta sentir e se deixar levar pela atração, se autoriza a ir, a inventar e a produzir. Sujeito-experimentador. Não leva bagagem, tem a mala vazia, tem o bolso rasgado, tem o corpo fissurado. Viajante-amador. Surfista ou mergulhador?

Marcando o encontro para o próximo ensaio, Brecht dizia a seus atores: *Nüchtern!* Em jejum! Não se empanzinem, não se empanturrem, não venham inspirados, enternecidos, complacentes, estejam secos, estejam em jejum (BARTHES, 1977, p. 119).

As fotos que compõem esse texto não são posadas, pois a partir do momento que nos sentimos olhados, fabricamos outro corpo, metamorfoseamo-nos. Procuramos registrar instantes, movimentos, cenas rápidas, fragmentos. Somente posteriormente ao registro, a foto é apresentada a quem teve sua imagem captada, e o uso é por eles autorizado. Ou não. Todas as imagens e seus cortes posteriores foram restituídos aos nossos amigos. Mostramos as fotos e conversamos sobre elas (se assim fosse o interesse deles). Algumas fotos foram entregues impressas no decorrer do tempo do mestrado, mas ao final, todas as imagens usadas foram reveladas e guardadas por eles. Mesmo tendo a autorização para o uso das imagens nesse trabalho, procuramos não utilizar as fotos frontais, que possam identificá-los. Apostamos ética e politicamente que os moradores das residências que tiveram suas imagens captadas podem ser os únicos a autorizar o uso.

Também não há cor nas nossas fotos, e Barthes (2017) nos ajuda a pensar no porquê: “pois o que me importa não é a ‘vida’ da foto, mas a certeza de que o corpo fotografado vem me tocar com seus próprios raios...” (p. 78).

Usando Deleuze (1985), podemos chamar as imagens que aqui se apresentam de “espaço-ossatura”, pois oferecem suporte e de alguma forma conectam: conectam à outras imagens, conectam ao texto, conectam à quem se dispõe a ler essas fotografias. Imagem-suporte.

São ainda imagens-superfície, não há profundidade, não há algo a ser descoberto e saídas a serem escolhidas. Deleuze (1990) mais uma vez nos ajuda nesse exercício do pensar. O que pretendemos com as fotografias não é procurar ou estimular a realidade na imagem, e sim a realidade da imagem. O que há, está posto. O olhar de quem se dispõe a ver que pode aceitar o convite e continuar, mergulhar na cena, pois de antemão não há mensagens escondidas ou subliminares:

Parede, folha de papel, tela, quadro-negro, sempre um espelho. Um espelho no qual o espectador captaria seu próprio olhar como aquele de um intruso, como um olhar a mais. A questão central dessa cenografia não é mais “o que há para ver atrás?” Mas sobretudo: “Posso continuar a olhar aquilo que, de todo modo, eu vejo?” (DELEUZE, 1985, p. 232)

Só posso ter a esperança louca de descobrir a verdade porque o noema da foto é precisamente *isso foi* e porque vivo na ilusão de que basta limpar a superfície da imagem para ter acesso ao que há por trás: escrutar quer dizer, virar a foto, entrar na profundidade do papel, atingir sua face inversa (o que está oculto é, para nós, ocidentais, mais verdadeiro do que o que está visível). Infelizmente, escruto em vão, nada descubro: se amplio, não há nada além do grão do papel: desfaço a imagem em proveito de sua matéria; se não amplio, se me contento em escrutar, obtenho apenas esse único saber, possuído há muito tempo, desde meu primeiro olhar: que isso efetivamente foi: as voltas não deram em nada (BARTHES, 2017, p. 93)

Não posso, portanto, entranhar, aprofundar ou penetrar na fotografia, posso apenas “varrê-la com o olhar” (BARTHES, 2017, p. 98). A fotografia não pode ser esquadrinhada por causa de sua força em ser evidente.

O que eu vejo? O que é isso para mim? Captar o próprio olhar. Isso nos remete a Barthes (1987), que nos fala como somos levados a dizer se tal texto é bom ou não é bom. Pensemos aqui como imagem. Conversando com esse autor, convidamos a mudar esses predicados, e a pensar por outro ângulo: “é isso!”, ou melhor, “é isso para mim!”. Não de uma forma subjetiva, mas “o que é isso para mim?”. Não haverá explicações, não haverá legendas. São apenas imagens que nos oferecem um momento de respiro no viver do texto, uma nova possibilidade de olhar. Não pretendem contar sobre nada, não pretendem ilustrar coisas, são em si, as próprias coisas: “assim é a foto: não pode dizer o que ela dá a ver” (BARTHES, 2017, p. 93).



Como essas imagens serão colocadas? Em que momento elas surgiriam e pediriam passagem meio ao texto corrido que compõe esse trabalho? Simplesmente surgem entre as páginas e não pedem passagem. Como os momentos que foram registrados, manifestam-se e nos convocam. Não esperam, não anunciam. Assim será a apresentação dessas imagens, mostram-se em meio ao texto. Sem legenda, sem aviso, sem explicação. Legendas aprisionam, direcionam, contam por si histórias. Usando Barthes (2017), pensamos que “a imagem fotográfica é plena, lotada: não tem vaga, a ela não se pode acrescentar nada” (p. 84), e podemos usar isso para as legendas, pois falar e/ou ler, não é ver. Vemos imagens de vidas, pedaços de existência. Retalhos de uma história. Há tantos caminhos... uma verdadeira pluralidade de mundo em cada imagem (DELEUZE, 2005). Não apostamos em legendas, queremos o oposto: queremos abertura, chances, imprevisibilidades, ou apenas, nada. Legenda interpreta, e não queremos interpretar, queremos convidar. Um convite a se demorar, a sentir, a se afetar. Um convite ao encontro com a fotografia, um convite a silenciar e suportar o não dito, suportar o não saber. As imagens carregam por si só o que há de melhor, confiemos nessa aposta.

Muitas imagens foram colhidas, muitos momentos, muitos movimentos, muitos nadas. Muita foto que fala do inútil, de detalhes sem importância, mas que pungem. Apenas um corte, um fragmento que não deu conta de captar e de fazer contar uma história. Imagens que (cons)piram. E como fazer a escolha das imagens que iriam compor esse trabalho? Já são centenas delas. Seguimos a dica de Barthes (2017): “decidi então tomar como guia de minha análise a atração que eu sentia por certas fotos. Pois pelo menos dessa atração eu estava certo” (p. 24). Apesar dessa pista, a escolha é um exercício difícil. Podemos seguir então mais algumas dicas desse autor como a animação que é produzida nesse encontro com a fotografia: “me surge de repente, tal foto: ela me anima e eu a animo (...) é o que toda aventura produz” (p. 25); a sua presença mesmo estando fora do alcance do olhar: “quando, estando a foto longe dos meus olhos, penso nela novamente” (p. 52); e uma expressão que é uma ótima pista para a escolha: “é isso!” (p. 99). Seguimos esses rastros.

Dessa forma, prosseguimos nossa caminhada. Singular. Ama(dor).

A câmera não faz diferença nenhuma.
 Todas gravam o que você está vendo.
 Mas você precisa ver.
 Ernst Haas (s/d)

O Presente do Mar

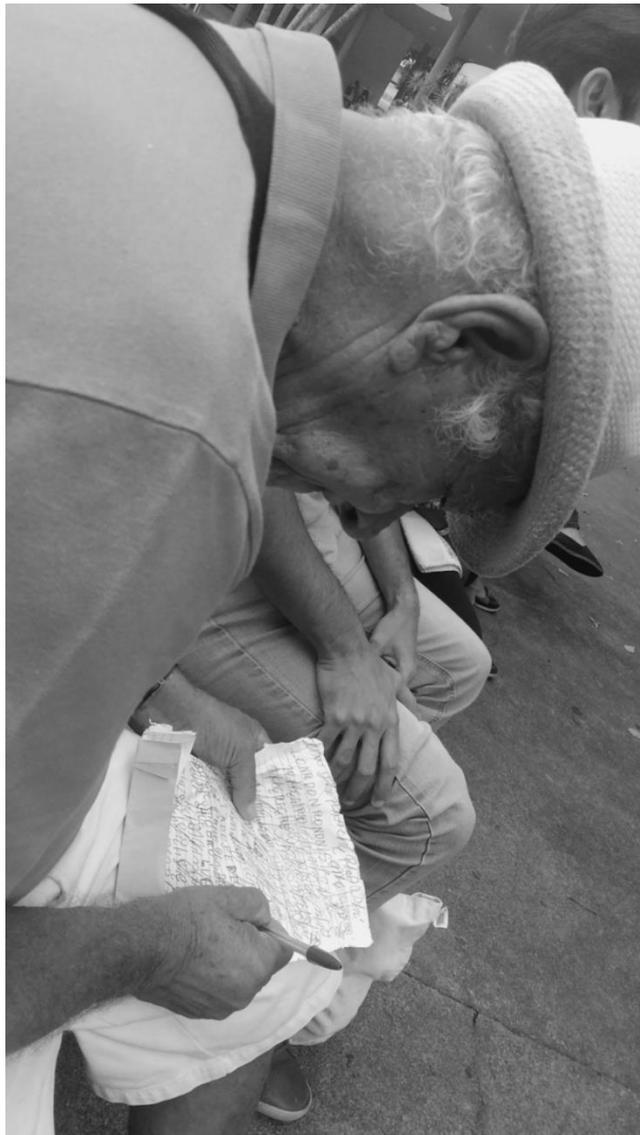
Tesouros não devem ser procurados, muito menos desenterrados. Nada de escavar o fundo do mar. Isso frustraria nosso objetivo. O mar não recompensa os que são por demais ansiosos, ávidos ou impacientes. Escavar tesouros mostra não só a impaciência e avidez, mas também a falta de fé. Paciência, paciência e paciência é o que nos ensina o mar. Paciência e fé. Precisamos nos deixar vazios, abertos e sem exigências, como a praia – esperando por um presente do mar (LINDBERGH, 2009, p. 20).

O processo da escrita é um processo solitário, angustiante e por vezes cansativo. É preciso compor com essas angústias, com as dúvidas e anseios. É necessário paciência. A escrita, como fala Preciosa (2010), “é um espaço hospitaleiro aos meus estranhamentos” (p. 4), é preciso escrever tateando, experimentando, decompondo mais

do que compondo, desconstruindo mais do que construindo. Vazio e euforia. Rasuram-se textos, apagam-se páginas, bagunçam-se certezas. Exercício.

Preciosa (2010) começa sua escrita se dizendo estrangeira do próprio texto, e sem incômodo de fazer essa afirmação, afinal, a escrita é exatamente isso, se defrontar com situações que fogem do controle, com fluxos que perpassam, que tiram o chão. Escrever é lidar com o inesperado, com o inevitável, com o imprevisto. Transformações que ressoam. O que fazer com isso?

Quase como uma resposta, temos Lispector (1999). Ela nos propõe brincar de pensar: se divertir, pensar sem riscos, sentir, convidar amigos para uma breve visita e assim pensar junto de forma leve, quase como não querendo nada... Mas quando a brincadeira fica séria, no auge do hobby, geralmente ficamos sós. Pois pensar na frente dos outros exige amor, confiança e carinho, o outro também deve estar se exercitando nessa entrega. Nessa brincadeira não deve se afligir por não entender ou por esperar: esse é o caminho. Ela nos deixa ainda um aviso: “às vezes começa-se a brincar de pensar, e eis que inesperadamente o brinquedo é que começa a brincar conosco. Não é bom. É apenas frutífero” (p. 5). E nesse escrito vamos brincando, vamos construindo, vamos convidando amigos para estarem juntos no auge do hobby. Coletivo.



Escrever é um processo solitário, mas não precisamos estar sós. Isso se presentifica quando na escrita usamos plural e singular. Não é um desleixo às normas, mas uma aposta. Só e acompanhada ao mesmo tempo. Eu e nós lado a lado. No exercício do escrever, no brincar com as palavras, percebemos algo, nos assustamos, nos surpreendemos de muitas formas, algumas boas e outras nem tanto. É um processo, um caminho que só se constrói caminhando, escrevendo.

como é que se escreve? Por que, realmente, como é que se escreve? que é que se diz? e como dizer? e como é que se começa? e que é que se faz com o papel em branco nos defrontando tranquilo? Sei que a resposta, por mais que intrigue, é a única: escrevendo (LISPECTOR, 1999, p. 163).

Caminhar-pensante, pensar-caminhante. Escritura como pausa, quando o corpo descansa. Como diz Gros (2010), “não se escreve apenas com a mão. Só se escreve bem com os pés” (p. 28). Escrita como testemunha da experiência, ou seja, escrever o que

se vivenciou, o que se sentiu. Um corpo que sente, sente a areia, o sol: “é inútil sentar-se para escrever sem nunca se ter levantado para viver” (GROS, 2010, p. 99). Sentir.

Cheiro de maresia
 pele salgada
 olho ardendo pela água que escorre do cabelo
 caminha-se pela areia após o mergulho
 a areia grossa assa o pé que antes estava protegido
 exposição
 mas é preciso sentir a areia ao caminhar
 massageando, queimando
 queimar a pele, sentir o sol
 sentir
 sentar e admirar
 veja as cores
 imagine algo nas formas das nuvens
 espere
 novas formações surgem
 novos desenhos também na espuma do mar
 desenhos fazem e desfazem
 mudanças
 sinta o cheiro da maresia.

Mergulhar. Brincar.

O conto de Clarice Lispector nomeado “as águas do mar” (1999) parece ilustrar o processo de pesquisa, o como estar no campo. Esse conto fala da relação de uma mulher com o mar. A mulher observa os movimentos e reflete se se entregaria ou não a esse mundo. Estava cedo e ela só, praia deserta. Ela e um cachorro. Para entrega era necessário confiança. Confiança, pois há limitação pelo horizonte, não sabe o que tem no fim da linha. Há uma incapacidade. Hesita. A imensidão a faz refletir sua pequenez. O corpo é limitado, sozinho. Não se conhecendo, progride: “é fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem”. Coragem para adentrar nessa imensidão. Ela vai, se arrepia, tonteia. Mergulha. Sente as ondas, sente o sal, sente a maresia. Está alerta, está compacta, está leve. Está fertilizada. Consegue brincar, e se embebeda desse mar. Está alimentada.

Lendo esse conto lembro-me dessa foto (abaixo), e dos inúmeros momentos em que o mar refletiu: me fez sentir, não me permitiu mortificar. Refletir nesse texto terá o sentido de reflexo, o olhar que produzimos quando olhamos, por exemplo, para a beira do mar no fim de uma tarde. Esse reflexo não surge em toda posição, mas depende da direção do sol, onde colocamos nossa energia e nos percebemos e captamos esse reflexo. Essa imagem é distorcida, não é nítida, dessa forma, não é a busca de um sujeito conhecedor na procura por uma verdade. Lindbergh (2009) usa em seu livro uma frase que parece que foi feita para ser legenda dessa foto: “Juntou-se na areia da praia conchas e pensamentos”. Assim essa pesquisa acontece, como um verdadeiro mergulho, com experimentações e ensaios. Juntando algumas conchas, alguns pensamentos... É preciso escrever “para se desintoxicar” (PRECIOSA, 2010, p. 9), para desaprender, para aprender, para respirar, para conhecer. Escrever para dar conta das intensidades. A escrita ajuda a transformar as afetações em conhecimento e “nos convida a transformarmo-nos em meio à própria escrita” (MACHADO, 2004, p. 148).

Todo esse movimento precisa ganhar corpo e virar dado de pesquisa. Este, entretanto, não é recolhido, mas se produzem no encontro, no mergulho, na exploração por meio do olhar, dos gostos e dos ritmos. Maresia. A escrita é um exercício pessoal, de meditação e treino. É um verdadeiro exercício do pensamento: captar o que foi visto, ouvido, sentido, ou seja, o que constitui a si próprio. E o desafio é não ter essa escrita como um armário de memórias, tampouco como diários íntimos (FOUCAULT, 1992). A mulher, após o mergulho, põe-se a escrever sobre essa experiência. Se essa escrita tem que ter um nome a chamaremos de diário de bordo.



Relação do feminino com o mar... além dos contos de Clarice, temos a enigmática Ellida: “Encalhada. Encalhada. Encalhada” (IBSEN, 2013, p. 16).

Encalhada e aprisionada, tanto como as carpas do aquário no jardim. Ellida estava aprisionada fora do mar. Com os pais falecidos (o pai era faroleiro, morreu por afogamento; a mãe enlouquece), ela vai morar com o médico burguês – um homem humano.

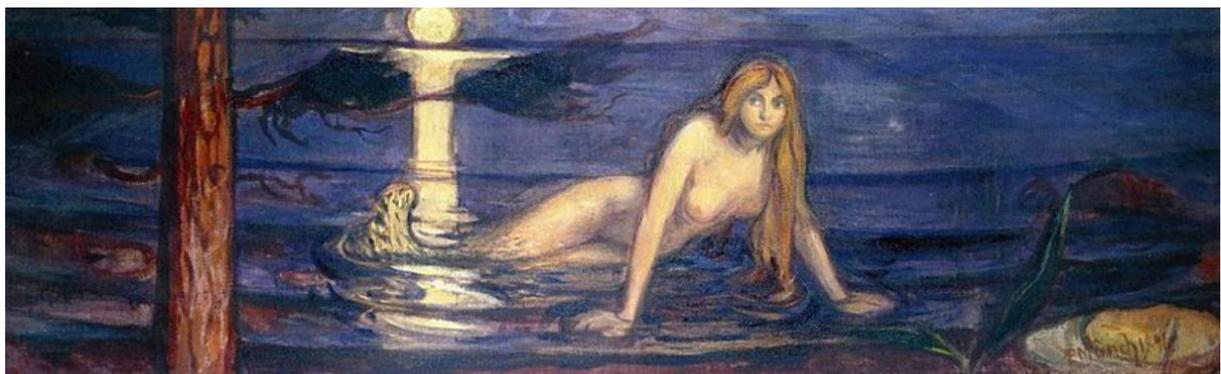
Se sente como uma sereia, só que sua metade está morta – morta e medicada (ou seria morta pelos remédios?). Acredita que o primeiro elo na cadeia evolutiva é o peixe, e isso pode ter ficado marcado em forma de resquícios na mente humana, em algumas mentes. Deveríamos ter sido criaturas do mar... Quem tem a sorte de nascer perto dele, é diferente: os pensamentos, os sentimentos vão e vêm como ondas. Frias (?). Todos os homens foram retirados, viraram terrestres, e por esse motivo, carregam um pesado fardo, uma profunda tristeza, um vazio que não se completa: têm um elemento que foi perdido. Insatisfação. O mar era para ser morada, mas enquanto espécie, viramos carpas em um aquário de água salobra.

“Há pessoas que pensam pertencer ao mar” (p. 19):

<< Nasci na beira da praia, sou bicha do mar >>

Ellida dava mergulhos diários no mar (em uma baía na verdade, não mar aberto). O mar era seu habitat em que fora retirada e os banhos – que poderiam ter relação com purificação – ela nunca conseguiu alcançar, pois sua sede era outra.

A dama do mar foi retratada pelo artista Edvard Munch (pintor da obra *O Grito*), em 1896 - uma sereia em conflito: mar x terra.



O quadro *A dama do mar*, de Edvard Munch, de 1896.

Metáforas, enigmas e inquietações forjam todo o drama “A Dama do Mar”, escrita em 1888, com curtas e breves páginas que assolam nossa imaginação e nos desafiam. Esse drama se apresenta aqui, não com a intenção de conseguirmos esgotá-lo, tampouco analisarmos, mas como um disparador para o exercício do pensar.

Busca pela liberdade – que liberdade seria essa? Qual nosso habitat? Que forças nos assombram? Que paixões nos prendem e que nos oprimem? O que é ser um humano completo? O que buscamos, afinal? Fins não trágicos são finais felizes? O que fazemos com o nosso meio-não-humano, com a nossa parte aquática?

Coleciona(dor) de conchas

Coleciona(dor) de conchas
 aquele que coleciona, que sabe colher
 colher dores, colher amores.
 concha como formação, produção, demora
 concha que protege, que embeleza, que corta
 ferramenta, virilidade, longevidade
 adorno, arte, poesia
 catar conchas exige delicadeza, encontro, olhar
 olhar cuidadoso que espera
 paciência
 achar, encontrar, roubar, varrer
 você já tentou varrer a areia da praia?
 já?
 espera minha filha, espera
 espera na beira
 o mar presenteia
 o universo conspira
 espera, acredita, colhe, coleciona
 coleciona(dor)
 ama(dor)
 dor
 com amor

Concha é uma formação do cálcio extraído da água do oceano mais a proteína produzida pelo animal que a concha protege. Concha nada mais é do que uma carapaça protetora. Protege vidas.

A concha já foi usada como ferramenta, como arma, como moeda de troca. Assim como alguns corpos, assim como algumas vidas. Conchas usadas como enfeites e adornos, como forma de arte. Exposição.

Conchas significaram longevidade, virilidade, fecundidade e promiscuidade. Presente das divindades do mar. Corpos por hora endeusados, por hora endemoniados.

A formação das conchas leva tempo, é preciso paciência, dedicação e espera. Assim como sua colheita. Não se deve explorar, não se deve peneirar a areia, tampouco o fundo do mar. Deve-se caminhar pela beira, com um olhar atento ao que se passa, observação. E quando se é presenteado com alguma concha é necessário cuidado, ela pode quebrar. Se muito se joga em uma bolsa, elas se despedaçam. Se carregar tudo de uma vez só na mão elas caem pelo caminho. Aproveite cada concha que o mar te oferece, não é necessário vasculhar e pegar todas. Aprecie cada obra, cada presente.

Quem cata conchas mais que as crianças? Com seu olhar, sem busca excessiva. Achando, comemorando, contemplando cada descoberta, desfrutando cada pedacinho. Conchas viram cordões, quadros, presentes. O olhar é atento, a pele é mais sensível, o amor é mais pulsante.

[...] as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferente, através daquilo que com eles aprontam na brincadeira, em uma nova, repentina relação entre si (BENJAMIN, 1995, P. 18/19).

Brincar com resíduos, com fragmentos. Sucata. Catador de conchas. Narrador-Sucateiro. Nossas conchas são fragmentos de vidas, narrativas.



Assim com as conchas que quando chegam à areia, narrativas são histórias recolhidas ao longo de caminhos, ao longo de viagens. Conta sobre algo que ficou distante ou algo da própria história em sua terra (BENJAMIN, 1994). Essas experiências são transmitidas de boca em boca, de geração em geração, de onda em onda. Conchas são experiências, são vidas, requerem demora nos detalhes. Narrar é uma forma artesanal que exige entrega e dedicação. Sem pressa, sem intenção.

Não sabemos de onde vêm essas conchas, não sabemos seu trajeto, tampouco quais moluscos protegiam. Assim como as narrativas, o principal é como o autor se recorda da história, não necessariamente como a viveu de fato. A matéria prima é, pois, a própria vida atualizada no presente. Ao narrador cabe ainda, deixar essas histórias em aberto, pois

um poeta e sua literatura querem sempre algo a mais, algo que só aparece quando o leitor a encontra, disposto a compartilhar e ao mesmo tempo romper os limites do que é narrado. É preciso continuar a imaginar, arriscar ir além na escrita inacabada, numa história interrompida, não para dar-lhe um sentido majestoso e definitivo, mas para encontrar outros caminhos insuspeitos, perturbando a apatia de um pensamento linear e solista (FLORES, 2012, p. 39)

Como efeito, questiona-se ao fim da narrativa: e o que aconteceu depois? Voltamos aqui à dica do sorriso: “Tela, como uma novela com várias histórias e que ninguém sabe o fim”. Qual o fim? Sem fim, permanece sempre atual. Escrever narrativas não é encerrar histórias, nem arquivá-las, mas memorá-las, atualizá-las a cada leitura ou a cada vez que é contada. Podemos construir um cordão com várias conchas e usarmos nossa imaginação para supor de onde vierem, quais caminhos percorreram, continuar...

Nas narrativas apresentadas nesse escrito, nessas conchas colhidas, esse é o convite: romper com os limites, continuar a imaginar, encontrar outros caminhos, “a história continua para quem sabe lê-la” (FLORES, 2012, p. 39). São apresentados apenas fragmentos, vestígios, restos, como histórias que se cruzam e não sabemos o fim. São apenas linhas, poucas palavras que narram vidas, que narram histórias, que narram o cotidiano. É a nossa coleção.

Gagnebin (2006) defende que Benjamin, em “O Narrador”, esboça um novo tipo de narração: “uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas” (p. 53). Não é uma narrativa épica, grandiosa, triunfante, não tem por objetivo recolher os grandes feitos. O narrador se apresenta como humilde, anônimo, pobre. Seria a figura do trapeiro, do catador de lixos e sucatas, catador de restos, de incompletos. Varredor, catador de conchas. Narrador-Sucateiro: “deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (p. 54). Narrar o inenarrável, o não linear, os brancos, os esquecidos e recalçados, “podemos – e talvez mesmo devamos – continuar a decifrar os rastros e a recolher os restos” (p. 118).



Um texto me paralisa e faz pensar. Ribeiro e Baptista (2016) narram uma história que se inicia em um cenário do cotidiano de uma grande cidade: um viaduto, uma avenida, rastros de sangue... um suicídio – “o sangue se espalhou pelas ruas, adentrou territórios seguros; penetrou nas artérias pulsantes da cidade” (p. 378), uma cena que desacomoda. Um corpo que mesmo sem vida, insistia em incomodar, em causar transtorno, em causar ruído.

Era um corpo conhecido que foi arrancado do anonimato havia pouco e foi atolado de sentido. Um corpo que perturbava a assepsia do shopping e esfregava na cara da sociedade consumível e consumidora o turvo ar da rua. A rua com ela se fazia presente, e incomodava. Ela quebrava o previsível. E foi então capturada, normatizada, espetacularizada. Virou a “véia do shopping”.

Já que não falava, criaram, produziram uma história de vida para ela, “o seu silêncio gradativamente era emudecido” (p. 380). Ofereceram-lhe uma vida, lhe forjaram uma história, mudaram suas roupas, seu cabelo e a forma de sua maquiagem. Pesquisaram e

expuseram sua vida e seu passado. Foi coagida a sair da potência do seu silêncio. Sua vida era alvo, agora o alvo é sua morte. Nem a morte pode ser em silêncio.

Precisei a partir desse texto parar e refletir minha prática, minha escrita e como anda minha escuta. Escutar é diferente de fazer falar. Se colocar a disposição para encontrar não é escutar. Caminhar na beira e recolher fragmentos não é explorar. Quando perguntamos sobre uma vida, ouvimos muitas histórias. Mas isso não é uma busca ativa desses fragmentos? Nossa aposta é no esperar, ter paciência e confiar que essas histórias vão surgir. A quantidade é menor, mas nossa preocupação não é essa. Nossa ética é de se colocar a disposição, de ter um corpo flexível para captar esses fragmentos de vida. Foi bom esse balanço. Reafirmou o que estou fazendo como pesquisa, como está a porosidade do meu corpo perante essas vidas. Perante a minha vida.

Torna-se, então, fundamental a constante avaliação do nosso trabalho enquanto catadores de fragmentos e trechos de vidas encontradas nas ruas. (...) Nossas fotografias denunciam vidas que sobreviveram até agora protegidas graças às sombras? Qual a finalidade de retirar essas vidas das trevas? (WENTZ NETO, 2014, P. 71)

Por que colocar projetores sobre os vaga-lumes? Com o intuito de estudá-los, matariamos. Algumas vidas têm de ser observadas na sua sobrevivência, em meio a suas danças e luzes – pequenas luzes. Pequenas mas presentes. É preciso saber onde olhar, como olhar. Aprendamos o saber-vaga-lume: apesar da escuridão, esses corpos não são invisíveis; são frágeis e breves, exigem delicadeza e gentileza. Gana, holofote e sede em demasia faz com que esses corpos luminosos se desfaçam. Lampejos imprecisos ainda que por um tempo pequeno se fazem ver por quem é capaz de olhar a menor imagem: imagem-vaga-lume. Ativemos nosso olhar para as nuances, um olhar para os passageiros da noite que estão no limiar do desaparecimento, na urgência da fuga, sentados no beiral (DIDI-HUBERMAN, 2011).



Encontrar conchas, encontrar histórias é capturar, é roubar, é achar. É ter um corpo disposto a encontrar vidas e histórias de vidas que foram silenciadas. Deleuze e Parnet (1998) nos alertam que não há um método definido para achar, não há fórmulas, apenas é possível uma longa preparação, pois toda captura é recíproca, é dupla-captura, duplo-roubo. Achar essas histórias é perder a margem, diluir o que é dentro e o que é fora. Mergulhar-se em intensidades. Afinal, “as coisas nunca se passam lá onde se acredita, nem pelos caminhos que se acredita” (p. 4).

Uma preparação bem longa, mas nada de método nem de regras ou receitas. Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também em um saco. Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois reconhecer é ao contrário do encontro. Julgar é a profissão de muita gente e não é uma boa profissão, mas é também o uso que muitos fazem da escritura. Antes ser um varredor do que um juiz (p. 8).

Seguimos essa pista. Seguimos o caminho com um corpo que se dispõe a vibrar junto, a ser roubado, a ser captado no encontro. Um encontro que não se planeja, que se passa no caminho que nem se sabe. Um varredor.

Você já tentou varrer a areia da praia?/ Jamais quis alguma coisa já?
Quis alguma coisa já?/ Já quis alguma coisa já?/ Já?
(TITÃS, 1991)



Chegando à Ilha

“Pronto, acabou-se o medo, só de por o pé na ilha tudo fica bem! Sentir essa brisa de novo...” (Filme *A Ostra e o Vento*, 1997, 2’20”).

A ilha onde ancoramos nos exige engajamento e habitação em um território que nos era desconhecido. É preciso se permitir transformar e transformar-se, estar aberto ao encontro com o outro e acompanhar movimentos: movimento da vida, movimento de vida. Não existem distanciamentos e neutralidades, o que existe são composições mútuas e em constante mutação. É preciso perceber ritmos, sabores e afetos. É preciso desconstrução, desnaturalização e inventividade. Não há regras a serem seguidas, não há teorias a serem comprovadas, não há caminhos pré-fixados e nem a certeza de chegada a algum fim. Nossa ilha exige apenas sensibilidade. As ondas vão nos guiando, o vento nos conduz, não na forma de naufragos, mas como exploradores de possibilidades. Temos fé no balanço da maré com todos os seus erros, todas as suas sujeiras, todas as suas ressacas. Aprendiz-cartógrafo. Aprendiz de marinheiro.

Nosso caminho é longo, com muitas árvores, buracos e gente. Gente de todo tipo: gente trabalhando, gente brigando, gente vagueando, gente orando, gente brincando, gente vivendo, gente sobrevivendo. Buracos que surgem, buracos que caímos, buracos que escolhemos cair. Poeira, muita poeira. E há cabras também, quase tão conhecidas como se fossem de estimação. Caminhos que não sabemos bem o fim, na verdade não sabemos nem como começou, mas estamos na estrada, no descobrir. Caminho que é seguido por discussões acadêmicas e por silêncio, por vida e por captura. Polícia, bombeiro, mecânica e padaria, muitas padarias. Igrejas não podem faltar, são muitas, todas em movimento. Parecem brotar a cada semana. Muitas casas, muito verde, muitos animais. Muita potência de vida, ela pulsa.

Por que se chamava moço
Também se chamava estrada
Viagem de ventania
Nem lembra se olhou pra trás
A primeiro passo-asso-asso-asso
Por que se chamavam homens

Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases lacrimogênicos

(CLUBE DA ESQUINA, 1972)



Nessa ilha tínhamos alguns dispositivos bem interessantes: um terraço e uma escada. Eram mediadores dessas histórias, propiciavam ambiente para escutarmos e para trocarmos histórias de vida. Momentos antes e após o café eram os mais produtivos, afinal, quem não gosta de uma prosa ao cheiro de um cafezinho?

Desde o primeiro contato com esse campo que se apresentam e urge a ser escutado, tem algo que me chamou muita atenção e me causa grande incômodo: o portão aberto e ninguém na rua, ninguém sai, ninguém... Conseguimos no primeiro dia no campo dar uma volta aos arredores, mas depois de muita insistência e depois que o morador ficou certificado que todos iam. Não sabia nem por onde começar, se ia para lá, se ia para cá, e enfim tomou sua decisão. Andamos pelas ruas, tiramos fotos com esse belo sorriso dos dentes podres, sentamos na murada da igreja e ficamos lá imaginando o dia que uma bela explosão acabaria com um grande santuário manicomial que logo ali perto se mostrava. Ouvimos os vendedores de rua com sua cavalinha e outras promoções. Os cachorros nos seguiam e andávamos sem pressa e sem rumo. Às 15 horas o cheiro do

café nos alcançou e voltamos para casa. No terraço, o ar fresco batia e ao olhar para o horizonte conversávamos sobre a vida.

- Aqui é muito aberto.

- Como, Dona Diamantina?

- Aqui é muito aberto, é o mar.

- Mar?

- É, é mar aberto, muito aberto aqui. Muito aberto. Muito aberto. Aberto.

- Mas não existem aqui mais paredes do que lá no asilo?

-... é, he-he-he, mas é aberto, é o mar

(COSTA; KIRST, 2010, p. 191)



Mas no decorrer da nossa jornada, a residência que nos recebe mudou de lugar, uma mudança um tanto rápida, sem avisos, sem preparo, sem escolha. Um dia no anoitecer os moradores saem sem saber ao certo o novo rumo. Nós também somos pegos de surpresa. Surpresa ao ver (ou ao não ver) uma frondosa mangueira do vizinho agora inexistente e surpresa ao ver portas e correntes bem trancados, parece que muita coisa

mudou em uma semana... e fomos nós, três navegadores a deriva e na busca pela ilha que parece que foi engolida por uma onda e simplesmente não estava mais ali. Fomos levados pela maré, morro acima, morro abaixo, vira na padaria, não essa, a outra padaria, ainda não essa, mais a frente, não, ainda não é essa rua do beijo, é outra rua do beijo... e após alguns caixotes e um cuidado para não nos afogarmos ou não deixar nos afogarem, achamos a nova ilha! Uma ilha com muitas árvores, pássaros, cachorros e vizinhos. Temos uma praça! Vemos novos dispositivos: andanças pelas ruas, varanda improvisada, área de serviço fresca, e não podia faltar: a mesa do café! E vamos a nossa caminhada nos compondo e explorando novos cheiros e novos ritmos. Mas um detalhe não passou despercebido: apesar da mudança potencializar muitas coisas, a nova casa está ainda mais perto do antigo manicômio. Espero que seja apenas um detalhe que meus olhos maliciaram, espero.

A hora do café continua ser um momento que nos convida a nos demorarmos nos detalhes: está na hora em que se encerra o Vídeo Show e começa a Sessão da Tarde. Sempre nos surpreendemos com o filme! Parece que o tempo ali não passou, o mesmo filme que assistimos na infância continua a ser reprisado. A história sempre se repete, não se atualiza. Sentamos na sala e é interessante observar o movimento, todos os moradores sentam-se a mesa posta. Quem está mais perto da bandeja serve quem está mais longe antes mesmo de pegar. Comem e levam as louças para a cozinha, agradecem, pegam mais café e quem fuma vai fazer seu rolo. Na varanda improvisada fumam o cigarro tão esperado após a refeição. Também não se incomodam de dividir, repartem com quem na teoria não pode fumar. Ainda sentados na sala diante de uma estante, que tem apenas um calendário parado em março e nosso conhecido jogo de dama encostada em uma parede repleta de pássaros a voar. Vemos o sorriso transitando com a vassoura e pá para catar as pontas no chão. O movimento parece ritmado e se repete toda semana.

Seguimos como nossas andanças, quase sempre acompanhados pelo sorriso. Parecia cada vez mais familiarizado com os caminhos, nos mostra outras residências bem próximas e já escolhe o caminho sem tanta vacilação. Sentamos na praça, vemos crianças brincando, cachorros se coçando, pão saindo quentinho, vemos vida em movimento. Ao longe vemos uma grande planície onde meninos jogam bola, mas não devemos ir até lá “vai que tem polícia”, mas ficamos ao longe admirando a bela

paisagem. Nos caminhos vemos outra residência terapêutica, mas nem podemos pensar em chegar perto de lá, um sorriso vermelho e tímido se apresenta ao contar quem mora do outro lado: “só mulher”. E assim seguimos, sem rumo, sem regras, apenas andando e escutando - escutando pássaros, escutando crianças ao longe, escutando vida, escutando o silêncio. Aprendemos (juntos) a surfar.

estava flutuando no mar da passagem urbana, naufraga em uma embarcação ainda desconhecida, mas que haveria de aprender a manejar, pois só assim poderia singrar as ondas bravias em um surf contemporâneo sem sangrar sua vida por inteiro no asfalto quente (COSTA; KIRST, 2010, p. 197).

Outras tardes, outras andanças, novas companhias. Uma tarde fresca pelas ruas da vizinhança vemos pássaros, cachorros arredios e as árvores não tão frondosas, mas bem convidativas. Um sentimento de liberdade e de angústia: por que não fazem mais isso? Um bairro tranquilo e de muito moradores, onde podemos andar no meio da rua sem medo de carros ou de outros perigos, livre para andar, para correr, para sentar, mas aprisionados por uma lógica que dói de ser percebida. É a ilustração real do poder disciplinar (FOUCAULT, 2006): a vigilância, o controle já está naturalizado como uma norma, como um hábito. São corpos sujeitados, fabricados por esse poder. O portão aberto e a prisão mental. Há tanta potência pelas ruas, há tanta potência no encontro com o outro, há tanta vida, tanta arte, tanto bicho, flores e pixos. Várias moradias com histórias que se perpassam tão perto fisicamente, mas tão afastadas. A vontade é de abrir todos os cadeados e amarras e de fazer um grande encontro na praça ao som de uma moda de viola.



Ando seguindo os passos, mas a vontade é de arrebentar as correntes. Entre os passos trôpegos um lixo e outro se apresentam, são pegos, observados, cheirados e jogados novamente. Catam-se plantas, matos do meio fio, cheiram-se rosas. Um caminhar sem rumo, sem intenção, sem procura, mas de encontro, de encontro com o verde, de encontro com um igual – igual que deve ser separado por paredes, afinal, existem regras – encontro com a dúvida, com a incerteza, com a busca e quase um resgate a beira de uma subida. Encontro com a senhora que varre a calçada ou com o moço que passa com o frete. Encontro com histórias de não amores nas paredes e de frutas apetitosas e azedas: tão azedas como o resultado do mal-me-quer das flores, mas tão apetitosas quanto a vida que pulsa nas ruas da cidade, tão apetitosa quando o cheiro do café às 3. Azedo e apetitoso é também o silêncio que se faz presente, que corta, um silêncio que de incômodo passa a ser de reflexão. Corpos nada sincronizados que se permitem, que sentem, que se afetam. Também há rosas, rosas que perfumam esse ambiente e que envaidecem, que representam afeto e demonstram vínculo. Fragilidade. Força.

Novas companhias continuam a surgir, uma companhia dos passos largos e apressados. Me faz acelerar, me tira do lugar de conforto. Segue com o olhar, espera. Corre. Segue de mão dada – precisa de companhia, não de segurança e nem de tutela. Sabe para onde quer ir, mostra firmeza, e aí de mim se não acompanhar, fico para trás. Com esse passo exploramos novos lugares, novas subidas e becos. Novas flores, novas frutas, novos cachorros de rua, novos ares. Com esses passos que se perdem nas horas, uma nova companhia nos encontra: é preciso voltar, está na hora do remédio. A companhia que nos encontra gosta de caminhar sozinho e pela manhã logo após o café. É bom vê-lo por aqui.

Outros passos também só caminham sozinhos, sentam lá na estrada para ver os carros passarem, sentam na praça para ver os moleques correndo, dão voltas e mais voltas na praça. É um “não” saboroso que recebemos quando não queremos caminhar conosco, e vão sozinhos. É um “não” de autonomia, de pontuar qual é o espaço permitido de se chegar. É um “não” de não assujeitamento. Adoramos companhia, mas um “não” também é maravilhoso!

“Deve-se realmente caminhar sozinho?” questiona Gros (2010, p. 59). “Quando acompanhado, esbarra-se, atravanca-se, perde-se o compasso. Porque é disso que se trata, ao caminhar, de encontrar seu ritmo básico e de mantê-lo. (...) Mais de quatro é uma colônia, um exército em marcha” (p. 59). Nem por isso é imprescindível a solidão.

Pode-se caminhar só algumas pessoas, cada um no seu passo, algum na frente, outro mais atrás, uma troca de olhares para saber se estão todos bem, diminui-se o passo, espera o parceiro. Ritmos se alteram, se esperam, se cruzam. Solidão compartilhada “porque também se divide a solidão, tanto quanto o pão e o dia” (p. 60).

“Vamos dar uma volta?” – é uma pergunta habitual. Saímos da estagnação das paredes e seguimos pelas ruelas. Caminhamos calados sentindo a brisa, caminhamos pensando e percebendo as cores, os cheiros. Sentimos as paredes pintadas, a nova horta que surgiu. Sentimos o quadro católico. Sentimos a fumaça dos carros e a moto que passa acelerada. Quando caminhamos pela cidade, o fardo do dia a dia se perde, esquecemos compromissos, preocupação, rancores. Às vezes esses nos acham no portão durante o retorno...

As lembranças funcionam como um fardo, um peso nas costas que pode atrapalhar a caminhada (GROS, 2010). Mas durante o perambular com o ritmo próprio, por vezes irregular, o corpo avança: o que permite a mente descansar das cargas da vida. Escapa-se do peso, vêm então as ideias. Entoam-se histórias.

Nossas caminhadas quase nunca têm rumo. A vontade é o destino. Apenas vagueamos pelas ruas próximas, trocamos bom dia com algum vizinho que experimentou se aproximar. Os caminhos são conhecidos, percursos marcados que se repetem. Por escolha, ou por falta dela. Não há nada de exótico ou sublime, apenas o que é habitual, real, sujo. Caminhar é monótono. Como diz Gros (2010): é a monotonia contra o tédio. Tédio enquanto imobilidade, cansaço, inércia. Na caminhada sempre há algo: a própria caminhada, um pé na frente do outro e seguimos. Avante!

Gros (2010) defende que caminhar além de um passeio, é um ato político. Caminhar fazendo-se andarilho, sem andar apressado, deixando-se assim, encontrar pelos acontecimentos. Não buscamos caminhos, mas os descaminhos. Tornando a paisagem como moradia; as ruas, os buracos, o asfalto como velhos conhecidos: saída para fazê-los uma visita. Dessa forma, nunca se está sozinho ao caminhar.

No decorrer dos meses as coisas mudaram: quase todos os moradores “podem” sair. Alguns só saem sob vigilância e desconfiança, “vai fugir” é a mordaca da vez. Medo de fugas. Que fuga? Fuga de onde? Afinal, a casa não é deles? Logo, não poderiam sair, passear? Não. Portão fechado, chave escondida em prol de proteção. Proteção contra quem? Contra o quê? Tutela. Lógica manicomial. Aprisionamento. Cuidado?

A maioria dos moradores tem livre acesso a rua, é só pedir para sair. Pedir. Mas a casa não é deles? Alguns continuam a andar sozinhos, mas aceitam nossa companhia. Por

diversas vezes vamos todos juntos dar voltas pelo bairro. E para outros passeios, é só avisar? É só pedir? Também não. Um simples passeio demorou meses para se efetivar. Burocracia. Medo. Cuidado.

Cuidado?



Outra mudança. A residência feminina não estava bem adaptada. Era uma casa com escada, no pico de uma subida íngreme e onde faltava muita água. A solução? Trocar de casa com os homens. Mais uma respirada profunda para ter certeza de que não nos faltará o ar. Encher os pulmões, armazenar vida. Não temos mais uma praça, não temos mais o campo, os cachorros são outros e não há outras RTs por perto. O espaço externo mais agradável é um bar que fica fechado durante o dia. Trocamos nossas árvores frutíferas por promoções de Devassa.

A estrutura da casa também não favorece. Os quartos são no andar de cima e isso faz uma diferença enorme, pois eles nem veem quem chega. Para habitar a casa, sentar no sofá ou tomar um café, é necessário descer uma escada nada convidativa. Os espaços também são bem mais encurtados. Ou ficam na sala que é quente e não cabem todos, ou sentam no chão da garagem e disputam o espaço com as roupas estendidas, ou ficam na mesa do café ou no quarto. Parece que dormir continua sendo a melhor opção. Mesmo no quarto sem ventilador em pleno verão.

Nosso caminhar pela cidade ficou bem mais restrito, começando pelo portão, sempre trancado. Não tem muitos caminhos: ou vamos para a rua de trás e sentamos na mureta,

ou vamos andar por trás do condomínio, um caminho deserto e de olhares não acolhedores. As outras ruas são subidas ou decididas bem íngremes. Algumas semanas de chuvas traçaram outras perspectivas, como habitar a própria casa: escolher um filme, mudar de canal a própria TV ou ainda fazer uma calda para o bolo na cozinha.



Não me falta cadeira
 Não me falta sofá
 Só falta você sentada na sala
 Só falta você estar
 Não me falta parede
 E nela uma porta pra você entrar
 Não me falta tapete
 Só falta o seu pé descalço pra pisar
 Não me falta cama
 Só falta você deitar
 Não me falta o sol da manhã
 Só falta você acordar
 Pras janelas se abrirem pra mim
 E o vento brincar no quintal
 Embalando as flores do jardim
 Balançando as cores no varal
 A casa é sua
 Por que não chega agora?
 (ARNALDO ANTUNES, 2009)

Fomos convidados a tomar um café da tarde em outra residência ali próxima. Na primeira ida fomos somente nós, exploradores. A casa tem cheirinho de pão, frescor e belos sorrisos nos acolhendo. Oito moradores bons anfitriões. Entre abraços e cafés, um grande painel me chamou atenção: aquelas fotos com Papai Noel no shopping e o papai em questão com uma cara de poucos amigos... Fiquei imaginando a cena – trocaram crianças por um bando de doidos... Imagine o tempo que levaram para que todos olhassem ao mesmo tempo para a câmera e fossem capturados por um click. Será que não foram bons meninos durante o ano e Papai Noel queria deixá-los de castigo sem presente? Será que já não ficaram de castigo por alguma arte que nem sabem qual durante tantos anos? Será que já não passou do momento do presente ser realmente

menos oneroso? A captura não foi somente de quem estava em cena, foi minha. Olhei, pensei e ri.

Pensei na desconstrução que eles causaram no Papai Noel, na discussão que desencadearam nas famílias das crianças ali presentes que provavelmente pediram uma explicação aos pais temerosos. Pensei nos seguranças no shopping e seus olhares. Pensei na felicidade desses moradores com o novo passeio. Pensei no Natal e suas músicas que agora parecem ironias. Será que tiveram alguma “Noite Feliz”? Penso que a legenda dessa foto poderia ser: “Quero ver o amor crescer, mas se a dor nascer você resistir e sorrir..”, e essa história de que “Seja rico ou seja pobre, o velhinho sempre vem”? Talvez até venha se formos até ele, mas será que é um desejo real do velhinho estar ali? Não me pareceu muito acolhedor. Penso que nunca mais vou ver o Natal com os mesmos olhos...

Falando em comemorações de fim de ano, me remeto ao Natal na casa que nos recebe. Fizemos um lanche especial no Natal. Levamos panetone, biscoito e refrigerante. Eles não pediram nada, foi uma demanda nossa marcar essa data de alguma forma. Pareceu ser uma data qualquer. Não falaram da família, não falaram de nada. Não transpareciam tristeza pela data, o que compartilhamos com outros moradores em outros momentos. O assunto de voltar para casa sempre surge, mas dessa vez não. Conversando com uma amiga muito sensível, ela fala sobre a ferrugem e como o manicômio produz vidas enferrujadas, no sentido de estagnação, desinteresse talvez, mas esse sendo produzido pela não oportunidade desses momentos. Precisamos por vezes ser o óleo dessa engrenagem, desenferrujar essas vidas, mostrar que é possível, e a partir daí oportunizar escolhas, criando modos de produzir desejos. Arrumamos a mesa e dentre sorrisos comemos e conversamos. Escutamos algumas músicas que eles foram pedindo e senti aquele momento que estávamos felizes. Mas algo cortou e silenciou: “Parem de comer como se estivessem passando fome. Daqui a pouco vão cagar pelas pernas.” Caldo. Embargo.

Não só de convites fazemos nossas paradas. Resolvemos nos convidar a um café em uma casa feminina. Fomos em 6 apertadinhos em um carro. Um aperto que aquecia o coração, um aperto de expectativas, um aperto quase como um abraço. Em uma sala ampla nos aconchegamos e fomos apresentados. Uma e outra moradora passava, falava algo e ia continuar sua rotina, algumas não pareceram muito confortáveis ao serem lembradas para nos receberem. Mas uma senhora em especial me laçou: ela sorria,

oferecia água, oferecia o lugar, mas mais do que isso, ela oferecia a mão, oferecia um afago, oferecia o sorriso. Ela oferecia histórias de vida, ela oferecia experiência. Como poucas vezes me senti realmente em sua casa, não um serviço ou uma hospedaria, mas tinha algo ali de marca, de afeto, de posse. Combinamos outros cafés, em outras casas, em outras ilhas. Novos encontros. Novo.

Voltamos nessa casa em alguns outros momentos, um café aqui, outro café lá. Conversas começaram a surgir, catamos conchas.



Soubemos durante uma conversa de uma data de aniversário. Começamos a perguntar as demais datas superanimados de comemorarmos esses eventos! Sim, a animação não era exatamente dos moradores... Nem todos sabiam ou queriam comemorar o aniversário. Conversamos sobre isso, e a vontade de não ter uma data de aniversário foi respeitada. É preciso ter sensibilidade para sentir esses fluxos. Esperar. Escolher.

Porém, nesse processo muitas coisas nos surpreenderam. Começando pelas datas. Alguns não sabiam, diziam ter esquecido, pois a data de nascimento nunca teve importância. Nunca foi lembrada, nunca foi comemorada e tampouco sentida. A percepção dos anos vem através do corpo. O corpo está mais cansado, a vista turva, a saúde debilitada. Vamos ver então a data no documento! Mas que documento? Eles não os têm. Se existe, fica em posse de alguém que não os mesmos. Descobrimos então o Cartão SUS de alguns senhores guardados (ou escondidos/esquecidos?) em uma gaveta

da cozinha. Essa gaveta é a protegida. Lá é onde as chaves ficam guardadas (ou escondidas?), e os remédios ficam separados. Cada morador tem vários saquinhos transparentes. Em cada saquinhos tem cerca de 3 a 5 comprimidos que eles tomam 3x ao dia mais ou menos. Ou seja, 3 saquinhos para cada morador, o que no dia são aproximadamente 10 a 15 comprimidos para cada. Nisso não há dúvida, está bem nítido.

Fomos olhando os cartões enquanto uma cuidadora chamava-os para entregar a medicação. As datas são as mesmas: 31 de dezembro. Todos nasceram no mesmo dia? Que nascimento foi esse? Uma nova vida após o manicômio estava traçada. Ano novo, esperança de melhoras, esperança que o novo nos surpreenda, início de um novo ciclo... Tantas significações e esperanças renovadas são representadas em uma virada de ano. Ficam apenas questionamentos que nunca terão uma resposta: Por que essa data? Eles não sabiam as datas oficiais? Não tinha como saber? Não tinha como resgatar essa documentação, uma segunda via que fosse?

Novas surpresas: “Quem é João?”. Resposta? “É o Antônio”. Isso mesmo. Nem os nomes são os deles. A história parece ser assim com quase todos os moradores: um dia qualquer, andando pelas ruas, catando algo para vender ou pedindo comida, eles foram “convidados” a sair da rua, e ir para o manicômio. Lá tiveram um novo nome e uma nova data. Um registro foi criado. Ano Novo? Desaparecendo, dissolvendo, desfazendo... Apagaram a história. Tentaram. Quando se entra no manicômio, o velho homem fica para fora, ele some da sociedade e uma nova identidade é forjada. É necessário achar uma identificação outra que não aquela prévia. Morte.

Morre o sujeito, desaparecem suas características, suas marcas, sua biografia. Despistado dos seus signos, da sua individualidade. Apagamento involuntário.

Os nomes que os conhecemos foram inventados. Após tantos anos, essa identidade cola na vida do dia a dia. Cola de forma primária, aquela colagem cheia de dobra e dedos sujos que ficaram marcados. Cola que calou, mas que não passou despercebida. Deixaram os rastros pingarem no chão. O cartão SUS estava ali. Os saquinhos também. Eles tinham nomes outros que não conhecíamos. Assim como não conhecíamos os sujeitos daquelas medicações. Que tanta brutalidade, agitação e perturbação são essas que precisavam ter essa camisa de força química? Fica aqui outro questionamento sem resposta.

Algum tempo depois desse dia, tínhamos um aniversário a comemorar e fomos à padaria. O aniversariante escolheu o que queria e fomos para casa arrumar os

preparativos (nos primeiros aniversários – inclusive o meu – levávamos o bolo pronto, agora eles vão à padaria, escolhem o que querem e ajudam a montar o que for preciso). A escolha foi um bolo branco com cobertura de goiabada. Compramos o bolo e decidimos fazer a cobertura na própria casa pertinho da hora do café. Parecia algo simples, mas não foi. Entrar na cozinha para derreter uma goiabada requer bancar aquele ato, e não se importar (ou fingir não se importar) com os olhares descrentes e até de nojo. Requer perceber os movimentos e tentar desnaturalizá-los, realocar lugares, de forma delicada e não enfrentativa. Bolo-potência.

O café foi servido, os parabéns cantado e chegou a hora tão esperada do fumo. Uma cuidadora foi colocando o fumo no papel de pão e entregando a quem fumava. Como ela era novata e não os conhecia, foi chamando pelo nome. Parece simples, não? Até que uma frase nos corta o ar: “Por que não chamam todos de Antônio, mais fácil...”. Sinto-me afogando.

Situações que nos exigiam um olhar mais cuidadoso também nos passavam. Um dia qualquer resolvemos caminhar por novos caminhos. Fomos andando, vendo as plantações de uma horta vizinha: couve, cebolinha e um matinho que ninguém sabia se era rúcula, espinafre ou mostarda. Novas subidas, novas descidas, novos buracos e novos comércios. Um colega de caminhada a cumprimentar, uma criança a sorrir, um cão a abanar. Ruas estreitas que tinham que ser divididas com carros, vassouras e banners. Risos, conversas e um empurrão: “Eu vou fugir!” Segundos de paralisia para entender o que aconteceu e consolo de um outro morador: “Ele é maluco, sempre foge e quando passa fome ele volta. Pelo menos agora o portão vai ficar aberto!” Fuga. Essa palavra não me desce, mas me escapa. Parece algo que não consegue ser digerido, mas está pronto para sair. Considero essa palavra extremamente manicomial. Afinal, a casa não é dele? Porque fugir? Pode ter ido dar um passeio, ter ido visitar a família que ele acredita estar a sua espera. Mas todo um sentimento de culpabilização, de tutela passa pelo corpo. As histórias de sua família que soubemos a pouco consegue ganhar espaço. Tenta gritar.

Na semana seguinte, de um corpo sem-vergonha, tenho um corpo receoso: a cada olhar penetrante, um corpo que tenta se esquivar. Ou se esquivar, se percebe e tenta retomar. Uma verdadeira batalha interna para não deixar um muro de desconfiança se instalar. Um pedido de desculpa, um pedido para nova saída e um alívio: está chovendo! Junto a isso, falas que aparecem na casa e precisam ser rebatidas, conversadas. De um corpo

que se esquivava para um corpo que defende, que não se aceita manicomial. Ressaca de emoções se movimentam em silêncio. Reconstrução de vínculo, autoanálise de sentimentos, percepção de si.

Sandro. Um dia chegamos e conhecemos essa figura. Logo se apresenta, conta da sua vida, de onde veio e para onde vai. Conta dos planos. Quer construir sua casinha e arrumar um casamento. A conversa flui por horas. Mostra a bolsa nova, o tênis novo e alguns pertences. Fala da natureza e nos dá lições de vida. Vamos fazer um filme? Ele apresenta toda a casa, cria personagens, nomeia diretores, roteiristas e patrocinadores. Fala de diversos assuntos, desde chás e banhos até a alta indústria americana. Apresenta-se como um transeunte. Vem e vai, não permanece. É vento, é pássaro, é folha. Não é raiz.

Pede uma foto: no portão, com a mochila nas costas e dando um tchau. O recado foi dado. Ali não era o seu lugar. Nasceu para viver a/cidade, nasceu para transitar, para ir e ter onde voltar. Mas poder ir. Isso importa. Portão fechado é sentença de morte, é choque com um poder que quer controle, quer dominação.

Sua existência na residência foi rápida, foi relâmpago. Parece que foi invisível, e sua saída, um alívio. A cada volta, menos se via de Sandro, menos o seu corpo voltada, menos coisas estavam em sua sacola. Perdeu a sandália, perdeu sangue, perdeu o sorriso. Apagamento. Sobraram cicatrizes, sobraram remédios, sobraram chaves e desprezo.

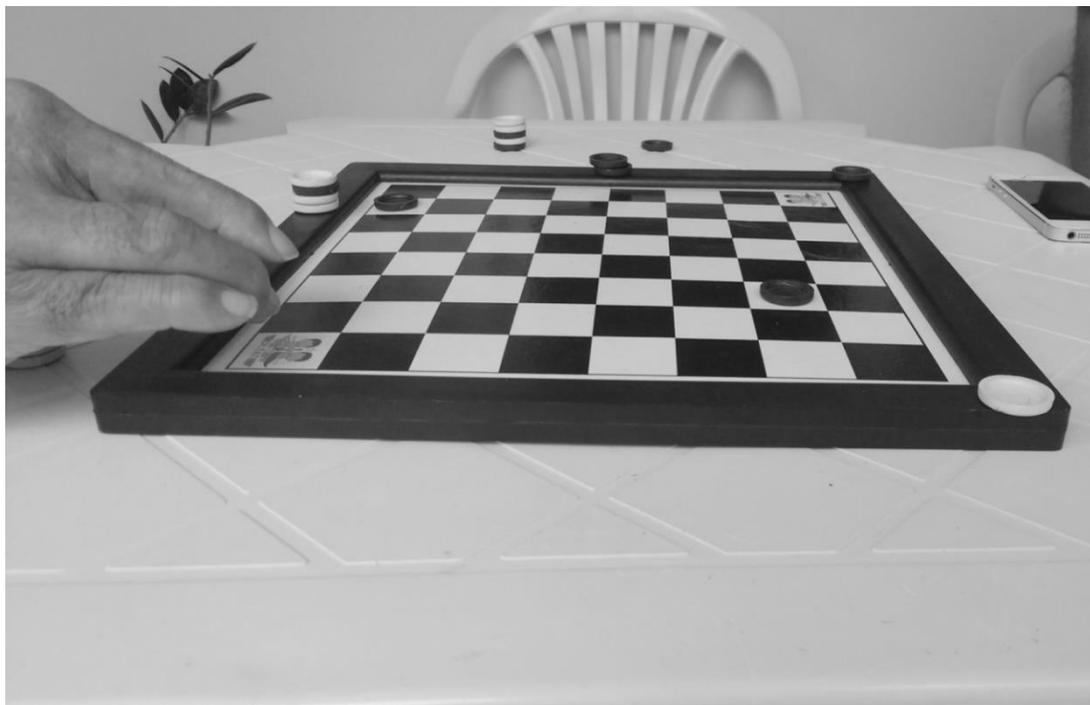
Parece que sua vida está destinada a ser esquecida. Mas mesmo assim, ele resiste, persiste e insiste. Muros e cadeados não vão apagar sua vontade, sua vida é concha. Concha sofrida, marcada, afogada. Conchas que bateram em várias pedras antes de aparecer na areia. Conchas polidas.

A alma se abre para ser espalhada no corpo, tal como a espuma das ondas se dilata e se dispersa no mar. A alma deixa de ser uma espécie de submarino blindado navegando nas profundezas do corpo fluido no mar, sempre tentando partir ou chegar. Porque ela se desrealiza enquanto embarcação que não cessa de viajar pelas vias do corpo, este se transforma em passagem. Aqui a alma não mais um elemento destacado do corpo feito uma relíquia. Deixou de ser submarino fechado para ser água e areia, mar e sensações, universo precioso de elos liberado do risco de naufragar. Pois o mar não naufraga. E também não precisa ser salvo. Necessita apenas marear (SANT'ANNA, 2001, P. 106).

Passeio para fora dos arredores somente para um dia de praia, o que requereu um planejamento de meses. Meses. Foram todos os moradores e os integrantes do LIS. Chegamos na casa logo após o almoço para não dar tempo de ninguém ir dormir, os convidamos, ajudamos a separar roupas e enfim, fomos. Alguns ficaram todo tempo na água, alguns entravam e saíam, alguns ficaram na areia a observar. Alguns ficaram de costas, observando a rua, ou ainda saíram a andar por aí. Cada um aproveitou a sua maneira, cada um habita o espaço de uma forma diferente. Na rua conhecida ao redor da casa a atitude é uma, em um táxi ou em um bairro novo, a atitude é outra. Moradores mais comunicativos estavam mais calados, outros estavam no mar com total intimidade, era um lar conhecido. Olhares mais uma vez me captam: olhar de estranhamento, olhar de reprovação, olhar de pena e até de sarcasmo. O olhar do outro. Como um olhar consegue marcar de forma tão intensa, consegue aprisionar outro corpo... ou tenta. Passamos nossa tarde assim, na beira, entre um mergulho e outro, entre uma caminhada na areia e um catar de conchas. Brincadeiras, risos, preocupações, vacilações. Caldos. Promessas de retorno e novos passeios.

Um dia de ida à RT que poderia ser um dia habitual - mas na verdade nunca é: “o mar é pleno de acontecimentos inesperados” (BAPTISTA, 2018, p. 401). Sempre algo nos surpreende. O inesperado sempre arruma um jeito de se apresentar e de nos tirar do lugar estável que nos encontramos. Nesse dia um morador que temos bastante contato estava um tanto diferente, parecia aéreo ou deslocado de alguma forma. Quando chego à varanda, um lugar arejado e meio que improvisado, observo um jogo de damas que ele arranhou, e quando convidada a jogar penso que não lembro muito bem as regras. Nomes de damas aparecem nas jogadas: damas do cinema, do teatro, das artes em geral. Entro na partida e me envolvo de tal forma que tudo se dissolve: não há regras, não há margem, não há limite. Um jogo em que podemos empilhar, desmontar, andar na diagonal, para frente ou em direção a mesa. Sim, a mesa faz parte do jogo. O corpo faz parte do jogo, o bolso também. Os jogadores entram e saem da partida, jogam uma vez, ou duas ou quem sabe várias vezes enquanto o outro observa. “Boa jogada!” ele falava enquanto fazíamos quase uma dança nada sincronizada. A plateia observava e sorria, não estava entendendo nada, nós também não: “você jogam fora da quadra”, sim, e

quem não joga? Estávamos apenas sentindo, experimentando, experienciando um total vazio, uma total entrega. E no decorrer dessa arte dissociada, uma pausa:



- Você ganhou!

Como assim eu ganhei? Não, assim não, e então questionei: - Mas você fez mais pontos!

- Ah é!

- E quando esse jogo termina?

- Nunca termina!

Barthes (1977) defende que:

Quando se trata de desmontar o jogo do sujeito, jogar é um método ilusório, e mesmo de efeito contrário ao que se busca: o sujeito de um jogo é mais consistente do que nunca; o verdadeiro jogo não está em mascarar o sujeito, mas em mascarar o próprio jogo (p. 152).

Afinal, quais as regras desse jogo? Quem joga? Quem vence?

Lewis Carroll em Alice no País das Maravilhas inventa jogos e muda as regras, parecem jogos sem princípios e determinações e que não cabe apontar vencidos e vencedores – o jogo ideal (DELEUZE, 1974): “é preciso imaginar outros princípios, aparentemente inaplicáveis, mas graças aos quais o jogo se torna puro” (p. 62). Esse jogo ideal só pode ser pensado com um não-senso, é a realidade do próprio pensamento – é o inconsciente do pensamento puro. O jogo ideal seria então, reservado a arte: “Este jogo que não

existe a não ser no pensamento, e que não tem outro resultado além da obra de arte, é também aquilo pelo que o pensamento e arte são reais e perturbam a realidade, a moralidade e a economia do mundo” (p. 64).

Deleuze (1974) nos aponta princípios desse jogo:

- a) “não há regras preexistentes, cada lance inventa suas regras, carrega consigo sua própria regra”;
- b) “longe de dividir o acaso em um número de jogadas realmente distintas, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-los em cada jogada”;
- c) “as jogadas não são pois, realmente, numericamente distintas (...) cada lance emite pontos singulares”;
- d) “um tal jogo sem regras, sem vencedores nem vencidos, sem responsabilidade, jogo da inocência em que a destreza e o acaso não se distinguem, parece não ter nenhuma realidade”.

Esse é o nosso jogo: o jogo que nos propomos a jogar, o jogo de jogar junto, de desconstruir regras, de sentir o tabuleiro, de perder as margens, de se perder nas margens. Que possamos refletir: “Olhe para o chão. Percebe os quadriculados, as linhas retas e simétricas? Estaríamos nós sobre um imenso tabuleiro de xadrez? Seriam as vidas, nossas e deles, peças de um jogo maior, o jogo higienista da razão?” (THOMAZONI, 2010, p. 139).

Calvino (1990) avança ainda mais nas possibilidades de um simples jogo de tabuleiro. Marcos Polo chega ao Império de Kublai Kahan, e este faz de Marcos seu telescópio por não conseguir ver com os próprios olhos todas as cidades do seu domínio. Polo descreve em detalhes todas as 55 cidades ao longo do livro. No decorrer das narrativas, jogaram uma partida de xadrez. Kahan acredita que as cidades eram tais como os jogos, “Se cada cidade é como uma partida de xadrez, o dia em que eu conhecer as suas regras finalmente possuirei o meu império, apesar de que jamais conseguirei conhecer todas as cidades que este contém”. (p. 51) Cada peça do jogo representaria algo na cidade, as peças poderiam ter vários significados. Com um jogo seria então possível narrar histórias, descrever cidades inteiras sem visitá-las de fato. As regras do jogo poderiam ser a ordem, as regras invisíveis que regulam e governam as cidades. Já não se precisava

de enormes e distantes expedições para conhecer o império, apenas fascinantes e intermináveis partidas poderiam desvendar essas possibilidades.

Em meio a essas descobertas, nosso personagem que buscava se identificar com o jogo, perdeu-se no motivo de jogar: “O objetivo de cada partida é um ganho ou uma perda: mas do quê? Qual a verdadeira aposta?” (p. 52).

>> E quando esse jogo termina? Nunca termina! <<

Pelbart (2000) nos traz a cidade, as ruas com nossas andanças, como um lugar de fonte inesgotável de detalhes para se explorar, surpresas e personagens, onde é possível perder referências e a si mesmo, sendo dessa forma uma imagem do desejo com seus rastros e ruínas: o lugar do possível. Interroguemo-nos:

que afetos ela favorece ou bloqueia, que trajetos ela produz ou captura, que devires ela libera ou sufoca, que forças ela aglutina ou esparze, que acontecimentos ela engrena, que potências fremem nela e a espera de quais novos agenciamentos (p. 45).

Cidade como lugar de possibilidades. Cidade-rede, cidade-fluxo, cidade-maré. Em complemento, Silva (2005) considera a rua como um dispositivo, no sentido de rede/campo de forças, onde há produção do novo, onde há rotas de fuga de um funcionamento cronificado. Na rua, na cidade, é possível a criação e constantes mudanças de todos que se envolvem e se afetam no contexto urbano.

Benjamin (1995) nos alerta que orientar-se na cidade não significa muito; é importante deixar-se ir, deixar a cidade guiar, as ruas convidarem. É preciso fazer-se andarilho, fazer-se navegador, ter um “corpo errante a deriva” (MIZOGUCHI, 2012, p. 57). É preciso “viver no mundo como quem enfrenta o mar aberto a nado. Passar do ponto em que não se é capaz de retornar à terra firme, criar corpo para sustentar a travessia” (BAPTISTA E SILVA, 2017, p. 65). Enfrentar o mar aberto a nado: exige entrega, exige confiança, e mais do que isso, exige um corpo que se funde de tal forma que não é possível mais retornar, retomar o que se era antes. O corpo precisa da cidade para se sustentar, precisa da rua como morada, precisa de andar para se manter vivo. Precisa de encontros para se potencializar.



Perder-se com instrução: uma difícil tarefa (BENJAMIN, 1997). Fazer-se andarilho é abrir mão de certezas, de mapas, de trajetos prontos. Quando se troca o mapa pela experiência é necessário disposição, percepção para o campo de forças que se apresenta: “tal disponibilidade requer um corpo sensivelmente atento e não apenas racionalmente atento aos encontros urbanos” (KNIJNIK; GUIZZO, 2012, p. 174).

Para conhecer a cidade, é importante perder-se. Porém, como alguém que se perde em uma floresta, é importante instrução. É importante bússola para não naufragar, para colher rastros e restos. Colher conchas. Somente quem anda pode encontrar presentes, surpresas, marcas. Encontrar o que não se procura, se encontrar. E não é sobre andar em diferentes caminhos, mas é andar de diferentes formas, com diferentes cheiros, em diferentes temperaturas, com diferentes companhias. É a mesma parede, é a mesma praça, é o mesmo asfalto, só que não é o mesmo, nunca é. A rua abre a novas possibilidades, a novos encontros, a novas afetações.

A rua vira habitual e torna-se moradia – andar na rua é sentir-se em casa. Os pixos, os letreiros tornam-se enfeite, os bancos da praça como sofás de casa, os esbarros na calçada como encontro com vizinhos: “que a vida em toda a sua diversidade, em sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos” (BENJAMIN, 1997, p. 35). Riqueza na rua, potência dos encontros.

A cidade, as ruas, os paralelepípedos ou asfalto desacomodam, desestabilizam e convocam. Revelam o casual e o surpreendem. Desfazem planos, desfazem certezas, desfazem combinados. Tudo é provisório, tudo é imediato, tudo é possível. Afeta o corpo sensível, vira parte do próprio corpo. Sentir-se caminho. Caminhar.

“Vento-árvore-ruína-passo. Vida-morte-passo. Murmúrio-silêncio-lembranças-passo”.
(CARVALHO; GARAVELO; ZANON, 2010, p. 181).



A rua é caminho: “passeio como ato, como política, como experimentação, como vida” (DELEUZE, 1998b, p. 25). Nossos passos são acompanhados de moradores que em sua maioria tiveram como marca a rua, eram andarilhos, na rua se construíram, se constituíram. Na rua viveram grande parte da sua história. Os fragmentos aqui colhidos tiveram a rua como paisagem, como figura e como fundo. A rua que era a casa, hoje é algo que requer esforço, que requer disposição e disponibilidade, que sinaliza medo e insegurança.

Eu já disse quem sou Ele.
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beira de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço arpejo de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a glória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.

De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.
Eu pertenço de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam
(BARROS, 1996)



Uma breve marola nas ondas desse imenso mar

Em cada ciclo da maré da vida é válido e que entre as maiores ondas há sempre o brilho e o sussurro da espuma (LINDBERGH, 2009, orelha do livro).

<< Qual sua relação com a praia? >>

<< Você é filha de Iemanjá? >>

<< Como criar e destruir castelos de areia? >>

<< Você já tentou varrer a areia da praia? >>

<< Que registro é esse com o mar? >>

<< Como colher conchas? >>

Caminhar na beira do mar é incerto. O caminho se desfaz, pode não deixar marcas, pode derrubar castelos construídos. O mar deixa e apaga rastros, quase como uma dança. O sol deixa marcas na pele, rachaduras – ele queima. Não se passa ileso a uma experiência com a praia. Não se passa ileso na experiência com a loucura.

No fluxo das marés, formas estáveis das obras de arte, cores, texturas deformam-se pelo movimento das águas. A corrosão da maresia, a ação devoradora da vida marinha – visível ou invisível aos olhos humanos – são também outras modalidades de aniquilamento. (...) na imensidão dos oceanos habita uma vida invisível cruel. Nada se conserva intacto, incólume, sejam ideias ou coisas (BAPTISTA, 2018, p. 401).

Areia como tentativa de razão, ou seria a razão querendo ser areia? Areia por vezes é leve, é inesgotável; a razão tenta ser. Tenta (?). Oferece firmeza, suposta terra firme, mas ela pode afundar (ainda mais na beira), pode voar e se desfazer. A razão se desfaz. Areia massageia, mas também machuca, faz ferida, sangra e some. A areia na praia não está só, não está isolada – é uma mistura heterogênea, assim como o mar tem muita areia, na verdade, toda sua base (a base da loucura seria a razão – a razão produziu a loucura...) a razão não se separa da loucura, idem ao oposto. Ideias soltas que não pretendem se sedimentar.

Na imaginação ocidental, a razão pertenceu por muito tempo à terra firme. Ilha ou continente, ela repele a água com uma obstinação maciça: ela só lhe concede sua areia. A desrazão, ela, foi aquática, desde o fundo dos tempos e até uma data bastante próxima. E, mais precisamente, oceânica: espaço infinito, incerto; figuras moventes, logo apagadas, não deixam atrás delas

senão uma esteira delgada e uma espuma; tempestade ou tempo monótono; estradas sem caminho (FOUCAULT, 1999, p. 186).

Loucura é aquática, “mais precisamente, oceânica” (FOUCAULT, 1999, p. 186). Incerta. Desconhecida. Imensa, incalculável. Água e loucura mantêm uma relação desde os tempos mais remotos, mas o mar nunca é o mesmo – marés altas, marés baixas, agitação e calmaria. O homem nunca é o mesmo. A loucura nunca é a mesma – existem momentos de ressaca. Nem todo mar é raso, nem toda onda é confiável, nem sempre dá para surfar sobre as ondas, às vezes é preciso mergulhar, é preciso ficar submerso. E levantar, e tombar, e cair, engolir água, roçar na areia, queimar os olhos com o sal. Submersão é também pista metodológica. É preciso aprender...

É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo. É preciso aprender.
Há dias de sol por cima da prancha,
há outros, em que tudo é caixote, vaca,
caldo. É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a persistir, a não desistir, é preciso,
é preciso aprender a ficar submerso,
é preciso aprender a ficar lá embaixo
(...)

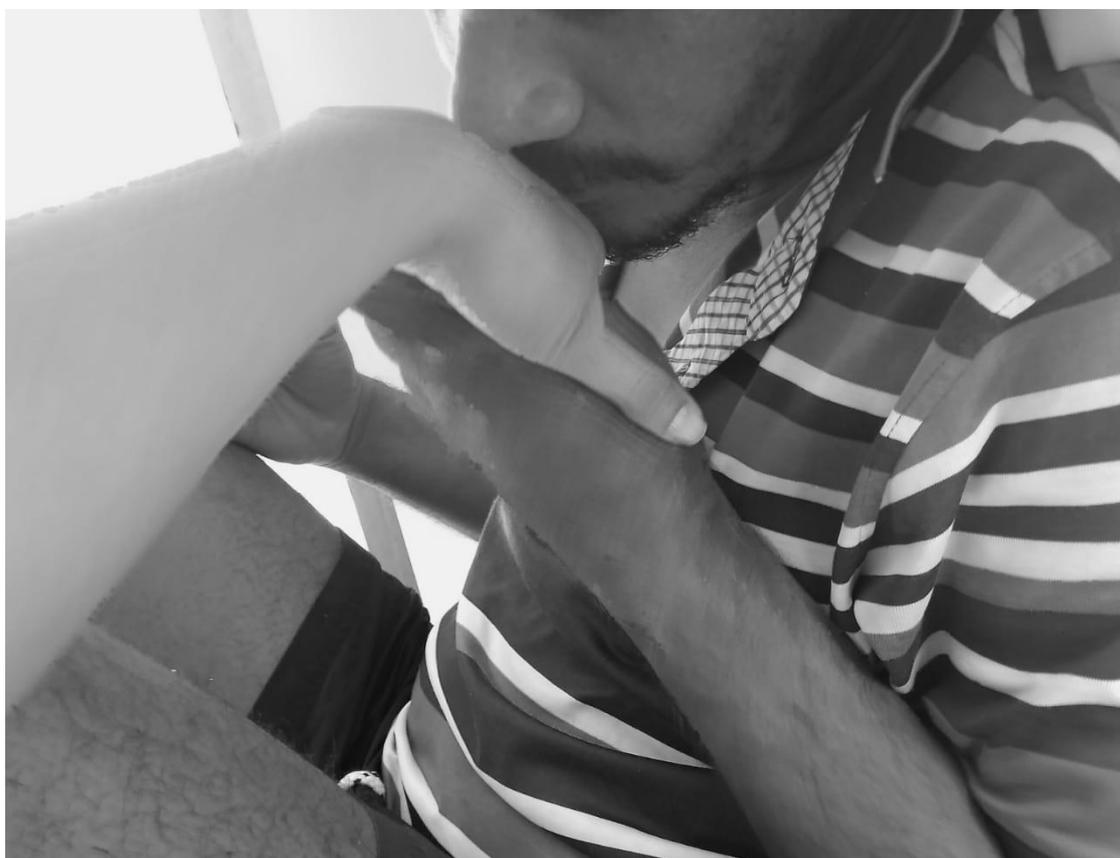
É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a aguentar, é preciso aguentar
esperar, é preciso aguentar esperar
até se esquecer do tempo, até se esquecer
do que se espera, até se esquecer da espera,
é preciso aguentar ficar submerso
até se esquecer de que está aguentando,
é preciso aguentar ficar submerso
até que o vulcão de água, voluntarioso,
arremesse você de volta para fora dele.
(PUCHEU, 2011).

Lembro-me desde muito nova ter um contato bem próximo à praia. Sempre morei perto, e com o passar dos anos, fui entendendo que o mar me fortalecia e me acalmava. Mas o curioso disso é que nunca aprendi a nadar. Meu contato era outro, era da beira, da espuma. Era admiração e respeito. E medo. Uma imensidão que me encantava e ao mesmo tempo me repelia. Saber que “as pessoas de Iemanjá estão ligadas ao mar”

(PRANTI, 2011, p. 283) – pode ser uma boa explicação... Conta-se ainda, que Iemanjá é a Deusa da Loucura:

E não há lugar no mundo em que seu nome não seja venerado. Onde houver uma mente insana, uma cabeça desequilibrada, um louco, um deprimido, um desnorteado, desanimado e triste, onde houver quem por algum motivo perdeu a razão, um sofredor, um colorido, uma cabeça oca, lá Iemanjá é chamada (PRATTI, 2017, s/p).

Iemanjá, no senso-comum, representa a feminilidade, a fertilidade, o amor. Seus filhos são como peixes, diz o conhecimento popular. Não sei em que momento a praia, e o mar tomaram toda essa proporção no trabalho. Surgiu quase como uma metáfora lá no início, na primeira escrita no diário de bordo, e foi tomando um corpo que eu tenho dificuldade de acompanhar. Escapa, mas como um quebra-cabeça as peças se encaixam. Como devaneios, não como certezas. Não tinha noção que a água e a loucura tinham tanta relação, não fazia ideia do que estava a surgir. E como alguns textos, poemas e livros iriam se encaixando de uma forma quase mágica... o mar não estava pedindo passagem, estava entrando, molhando tudo, dando muitos caldos. Ordenando: saia da areia, é preciso aprender a ficar submerso!



E seguindo esse comando, vamos nos molhar! Vamos sentir a potencia da água e toda sua ligação com a loucura. O mar desconhece limites e pode ter ondas perigosas em dias de tempestades (BAPTISTA, 2018): “entre ondas e marés, a única eternidade existente é o movimento incessante das águas. O mover-se eterno dos deslocamentos, dos redemoinhos, das idas e vindas das ondas que criam e dissipam formas de vida e de morte” (p. 401).

Apesar do perigo das barreiras frágeis, gostamos da beira, da zona de conforto e acomodação que a areia nos proporciona, sem abrir mão do frescor e da liberdade da água. Ela nos direcionará na história da loucura focando principalmente na apropriação da loucura pela medicina e o silenciamento que a ela foi imposto.

Temos como pressupostos que cada cultura inventa e atualiza um novo modo de ser louco, sendo que em todas as épocas temos tensionamentos e campos de forças, nunca como algo total e absoluto, menos ainda linear. O que mais temos de aproximação sobre a história da loucura é relativo a um paradigma hegemônico, o que quer dizer que não é a única verdade, nem universal, mas uma possibilidade de acesso a um tipo de conhecimento. Segundo Devereux (PELBART, 1989), independente da cultura ou da época existe quase um mandamento em relação aos loucos: “Não fique louco, mas se for preciso, manifesta tua loucura desta forma e não de outra. Se te afastares deste comportamento não passarás por louco, mas por criminoso, feiticeiro ou herético” (p. 173).

Loucura não é sinônimo de doença mental, tampouco loucura é um campo médico ou psiquiátrico. Fica a indagação: em que momento a loucura – “que tinha múltiplos significados: de demônios a endeusados, de comédia e tragédia, de erro a verdade” (AMARANTE, 2007, p. 23) – passou a ser sinônimo de perigo, medo, animalidade, castigo?

Convidamos marujos como Amarante, Basaglia, Foucault e Pelbart para juntos construirmos nossa Carta Náutica, que são

os documentos cartográficos que resultam de levantamentos de áreas oceânicas, mares, baías, rios, canais, lagos, lagoas, ou qualquer outra massa d’água navegável e que se destinam a servir de base à navegação (p. 40). É importante notar que uma Carta Náutica não é uma Carta Topográfica, cuja finalidade é representar, com o máximo rigor de detalhes, uma área terrestre.

Desta forma, só devem ser representados na parte terrestre da Carta Náutica os detalhes que realmente interessam aos navegantes, com o cuidado de que o excesso de informações topográficas não oculte ou dificulte a visualização do que interessa de fato à navegação (Santiago, 2012, p. 46, grifos nossos).

Primeira Onda: A Loucura Divina

Começamos pela Antiguidade Grega (aproximadamente do século VIII a.C. ao século V d.C.). Nessa fase, a loucura tem aspectos de terror e de fascínio – não é toda e qualquer loucura. Fascínio e elogio a loucura que tem origem no favorecimento divino; a que vem da hostilidade divina gera, por sua vez, terror (PELBART, 1989). A loucura era considerada então, uma manifestação do divino. Como exemplo do terror a loucura, temos a história de Ajax.

Ajax é um guerreiro que revoltado com a decisão dos superiores de entregarem as armas de Aquiles (guerreiro morto) a outro combatente, toma a decisão de matar os chefes da batalha durante a noite. É uma “tragédia da vaidade ferida” (SÓFOCLES, 1993, p. 72). Amargando cólera, massacra velozmente durante a madrugada vários animais pertencentes aos rivais. Isso ocorreu, pois a Deusa Atena (deusa da sabedoria e da guerra) priva-o da razão e no seu ataque de fúria, mata os animais pensando serem os chefes. A razão incutiu a loucura. Quando percebe o seu feito, Ajax resolve se suicidar. Ele vai para um lugar distante, perto do mar. Odisseu recusa ver Ajax ainda vivo, e quando questionado explica que o que teme não é o homem, mas a loucura, a doença do espírito, sinal de maldição e desfavor divino (SÓFOCLES, 1979 citado por PELBART, 1989).

Odisseu: Que está fazendo, Atena? Para de chamá-lo!
 Atena: Fica tranquilo. Queres parecer covarde?
 Odisseu: Não! Deixa-o na tenda! Basta, pelos deuses!
 Atena: Mas, que receias? Trata-se apenas de um homem.
 Odisseu: De um inimigo. Fique ele atrás da porta.
 Atena: Zombar de um inimigo é doce zombaria.
 Odisseu: É bom saber que ele inda está em sua tenda.
 Atena: Tens medo de ver frente a frente um homem louco?
 Odisseu: Se ele não fosse louco eu não teria medo.
 (SÓFOCLES, 1993, p. 79).

Importante ressaltar que o pavor não constitui a forma predominante dos gregos com a loucura. Acreditavam ser preferível um delírio divino, que seria então uma profecia, do que o bom senso do próprio homem. O delírio era considerado uma das formas de

origem do saber. A sabedoria teria, portanto, nascido do delírio, pois enquanto se está na razoabilidade, não é possível ter acesso às revelações ditas divinas (PELBART, 1989).

A loucura continuou sendo entendida como manifestação de algo sobrenatural na época da Inquisição (Século XII) – expressão de bruxaria, personificação do mal e de forças hereges. No século XV acreditava-se que algumas pessoas (principalmente mulheres) eram feiticeiras e que algumas coisas que aconteciam se devia a feitiçaria. No século XX, acreditava-se que algumas pessoas eram insanas e que algumas coisas que aconteciam se devia a doença mental (SZASZ, 1978). No passado, os homens criaram feiticeiras e as perseguiram, essa, foi substituída pela doença mental: “houve uma transformação de uma ideologia religiosa, numa ideologia científica: a medicina substituiu a teologia; o alienista substituiu o inquisidor; o insano substituiu a feiticeira” (SZASZ, 1978, p. 20). Terminada uma perseguição, começa outra. A criação é mútua: inquisidor – feiticeira; psiquiatra – doente mental (essa, porém, nos demoraremos mais a frente).

A noção de posse pelo demônio para justificar a loucura é uma das teorias mais antigas da história conhecida. Ela é usada para explicar quem se difere, quem é divergente dos padrões do grupo, dos padrões imposto em cada época.

Segunda Onda: Nau dos Loucos

Foucault (2014) nos ajuda a pensar a loucura na Idade Clássica. Depois da lepra e das doenças venéreas - “às margens da comunidade, às portas das cidades, abrem-se como que grandes praias que esse mal deixou de assombrar, mas que também deixou estéreis e inabitáveis durante longo tempo” (p. 7) - a loucura toma o lugar como espaço moral de exclusão.

Antes de ser dominada pelos discursos no século XVII, à loucura estava ligada a experiências consideradas maiores durante o período da Renascença (meados do século XIV ao fim do século XVI).

Uma vivência real e retratada por grandes artistas nesse período foi a Nau dos Loucos. Nau é uma grande embarcação à vela usada em viagens de grande percurso. Essas embarcações levavam a carga insana de uma cidade à outra. Nessas viagens que são potencialmente o último embarque, os loucos são mantidos no limiar, no lugar de passagem, no entre. O louco embarca sem destino e liberta a sociedade de sua presença – limpeza urbana. Enviar os loucos era uma forma de evitar que ficassem vagando entre muros e garantir que se tornariam prisioneiros da própria partida, à incerteza da sorte: “todo embarque é, potencialmente, o último” (FOUCAULT, 2014, p. 16). Segundo Foucault (2014), os loucos tinham, portanto, uma existência errante. Eram escorraçados dos muros da cidade e perambulavam pelos arredores, ou então, entregues a mercadores, marinheiros e/ou peregrinos. O louco era enviado para um mundo desconhecido, sem certeza da chegada; é prisioneiro da passagem, de onde não se escapa. A água é a sua pátria – passageiro por excelência, cativo da liberdade: filho do mar.

Entre os artistas que retrataram esse período, temos os escritos de Sebastian Brant: “A Nau dos Insensatos”, ou “Das Narrenschiff” (1494). São poemas trazem de forma satírica as vivências do final do século XV e em cada capítulo vemos algum tipo de loucura ou insensatez (são 112 ou 114 capítulos!). Esses retratam os insensatos que subiram a bordo, cada capítulo uma nova crítica, um verdadeiro desfile de fraquezas humanas. Ele não poupa nenhuma classe social, tampouco poderes ou status. Brant defende que são tantos os estúpidos e incapazes que um barco – ou uma nau – não seria capaz de carregar toda essa multidão.

Todos tem a oportunidade de se reconhecerem por essa escrita ou pelos desenhos que são apresentados. Vejamos alguns exemplos: “Dos que causam a discórdia”; “Dos arroubos amorosos”; “Da gula e vida desenfreada”; “A excessiva confiança na sorte”; “Do encolerizar-se facilmente”; “Casamento por dinheiro”. E ainda: “Da observação das estrelas”; “Levar as brincadeiras a mal”; “Do desrespeito aos feriados”. E por aí vai...

Sebastian chama esse movimento de identificação de Espelho dos Insensatos – cada tolo pode ali se ver refletido: “nele não faltam insensatos: todos encontram aqui a carapuça que lhes serve” (p. 22). Afinal, que não estaria nessa nau? Deslocamento da loucura e água como um lugar de incerteza e descaminho.

Todas as ruas e travessas estão apinhadas de insensatos; eles vivem entregues às maiores tolices, mas não aceitam serem chamados de néscios. Por isso, pensei em como embarcar os insensatos na nau: serão necessários galé, veleiro, gripo, barqueta, escuna, canoa, cimba, draga, chalupa, e ainda trenó, carreta, carrinho de mão, carroça, pois um barco apenas não seria o bastante para levar a multidão de néscios. O número é tão grande que, como um enxame de abelhas em voo, vários correm por toda parte em busca de transporte para a travessia e, sem encontrá-lo, tentam nadar até o navio. Cada qual deseja ser o primeiro a chegar. Muitos tolos e néscios conseguem subir a bordo e deles eu fiz aqui um retrato (p. 21).



Texto na estampa: “A nau dos insensatos – Rumo à Insensatolândia! – Sejam todos alegres”.
(BRANT, 1494, p. 20)

No século XV a nau percorria os mares com os prisioneiros do destino. Vivência real e literária. Na literatura, em 1882 (século XIX), essa nau ancorou. A nau dos insensatos e O Alienista conversam lado a lado, mesmo séculos depois. O Alienista é uma obra de Machado de Assis que se passa na vila de Itaguaí.

Nessa obra temos como personagem principal o Dr. Simão Bacamarte, um médico que chega à vila e mergulha no estudo e prática da saúde da alma – recanto psíquico. Em Itaguaí, cada louco - considerado furioso - era trancafiado em sua própria casa (trancado, não curado) e se o mesmo fosse manso poderia viver solto às ruas. Bacamarte soube que não seria adequado continuar esse mau costume e propõe então colocar todos os loucos na mesma casa e assim estudar profundamente cada um deles, classificá-los, descobrir a causa e o remédio universal para tal mal. Foi inaugurada a Casa Verde:

De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete (p. 10).

Com essas observações, Bacamarte chega à conclusão que “a loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (p. 16). E assim quase toda a cidade é aprisionada na Casa Verde. Casos e mais casos que causaram grande espanto: “ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz” (p. 20). O terror crescia: não se sabia quem voltaria para o lar, ou quem sabe de lá seria interceptado.

Rebelião! Começaram a contestar o que está estabelecido e as manifestações cresciam: “- Nada tenho que ver com a ciência; mas, se tantos homens em quem supomos juízo são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (p. 28). Juras de morte e de indignação se ouviam cada vez mais fortes. Pediam liberdade as vítimas do Doutor. Mas durante esse processo, as coisas pareciam sair cada vez mais

do controle: “Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafalaria, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista” (p. 39) – uma coleta desenfreada. Quatro quintos da população estavam encarcerados. A própria esposa do alienista foi internada:

esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da Câmara Municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa.— Que tem? perguntei-lhe.—Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito!—Pois leve o de safira.— Ah! mas onde fica o de granada?— Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demência; recolhi-a logo (p. 41).

Como desfecho, todos os internos são libertos e o médico se interna para se estudar como um ser que reúne toda a teoria e a prática (ASSIS, 2001).

Tanto na Nau quanto na Casa Verde vemos uma tentativa de retirar da cidade o indesejado, aquele que perturba, retira da inércia e contesta as supostas verdades. Esse movimento é atualizado hoje por toda cidade: “mas que ao invés de vagar à deriva das águas, como na Renascença, aportou em solo urbano, com todas as promessas e riscos que isso implica” (PELBART, 1956, p. 22).

<< Enquanto catava lixo para comer o pegaram e o levaram para o Santa Isabel >>

<< Andarilho por vocação. Só que um dia algo deu errado e a polícia o levou >>

<< Até que um dia enquanto catava papelão para vender e ter dinheiro para comprar o que comer um conhecido deputado que diz lutar contra a pedofilia o pegou na rua e o levou para o Santa Isabel >>

O Mar em sua Multiplicidade

“a água acrescenta a massa obscura de seus próprios valores: ela leva embora, mas faz mais do que isso, ela purifica (...) água e loucura estarão ligadas por muito tempo nos sonhos do homem europeu” (FOUCAULT, 2014, p. 12).

Mar inquieto, incerto, desconhecido. Lugar que esconde grandes mistérios, estranhos saberes, o verdadeiro fantástico, alma-barca. Oposto da terra sólida, da cidade rígida. O mar como morada da loucura, da perturbação, do desatino do mundo.

O mar, no final do século XVI, é visto como “a origem demoníaca de todo um povo” (FOUCAULT, 2014, p. 17): caminhos incertos dos navios, direcionamento pelos astros, transmissão de segredos, desligamento das mulheres, enfim, essa “planície perturbada” (p. 17) faz com que os homens percam a fé em Deus e as relações sólidas que estabelecem com a pátria. Sem Deus, o homem se entregaria ao diabo e ao oceano.

Oceano usado ainda de explicação para os males: a melancolia, na era clássica, por exemplo, encontra resposta no clima marinho: “o frio, a umidade, a instabilidade do tempo, todas essas finas gotículas de água que penetram os canais e as fibras do corpo humano e lhe fazem perder a firmeza, predispõem à loucura” (FOUCAULT, 2014, p. 18). A loucura seria a expressão visível no homem de um elemento aquático e sombrio de desordem e obscuridade, um verdadeiro caos que manifesta o germe e a morte. Ela se opõe a constância luminosa e madura do espírito (FOUCAULT, 2014).



A lua influência as marés, ou seja, cada fase da lua exerce uma força sobre o oceano, sobre o nível das águas do mar. A loucura por sua vez, sofre influência da lua “o mais aquático dos astros” (FOUCAULT, 2014, p. 18). Por isso o termo lunático, lunatismo. Corpo no mar, cabeça na lua.

No decorrer de grande parte dessa história, a água foi usada para/contra a loucura. Ela, como já vista, era líquida, fluida, corrente, e a razão como rocha, como terra firme. A liquidez da loucura não era só como metáforas, mas como se acreditava que ela se apresentava.

Uma das formas de identificação das bruxas e verificação da culpa era a provação por água: “parece que Deus indicou, como um sinal sobrenatural da monstruosa impiedade das feiticeiras, que a água se recuse a recebê-las em seu seio, pois afastaram de si a água sagrada do batismo e voluntariamente recusaram seu benefício” (SZASZ, 1978, p. 63). A prova da natação consistia em amarrar os membros, limitando os movimentos da acusada. Imobilizada, era lançada na água, por aproximadamente três vezes: se flutuasse era considerada culpada; se afundasse era considerada inocente, porém, nesse caso, usualmente morria por afogamento. Esse método foi utilizado ainda em meados do século XIX como um dos métodos mais violento e coercitivo da psiquiatria (SZASZ, 1978).

No século XVII a água causa inquietude na imaginação dos marinheiros e ainda era utilizada no entendimento desse fenômeno. A embriaguez (grande ingestão de bebida) era um modelo temporário da loucura; a melancolia era como um lago fúnebre de águas negras e calmas; já a demência era como a efusão dessa água, seu derramamento. Os vapores de água eram como loucuras rápidas, ligeiras e difusas – enevoadas. A água se apresenta nesse período com valores ambíguos (FOUCAULT, 1999).

Ainda nesse século, utiliza-se a hidroterapia para refrescar os espíritos agitados, era a cura pela violência do aguaceiro. Água que cai do céu, pura e fresca. Lava e tem o poder de devolver a verdade, assim como deixa flutuar para longe a incoerência. Tem, portanto, “virtudes eficazes contra o oceano venenoso da loucura” (FOUCAULT, 1999, p. 206). Já no final do século XVIII a água foi utilizada contra a loucura, pois consideravam que ela tinha poderes imaginários.

Duchas e banhos frios curavam a mania, que era considerado uma forma de calor sem febre. Banhos mornos eram utilizados para a cura da melancolia – uma doença fria. Utilizavam ainda, infusões/ imersões e clisteres que é a introdução de um líquido pelo ânus para diluir os humores que estejam obstruídos. Outra opção para os casos mais graves consistia nos banhos-infusão para que o sistema nervoso possa se descamar e assim dar origem a fibras novas, lisas e mais saudáveis (FOUCAULT, 1999).

O uso de banhos e duchas foi usado de forma regular no século XIX, no entanto, não de uma forma apaziguadora e de frescor, mas para cortar, estragar. É usado na forma de surpresa, inesperada. Substitui-se a forte ducha quente, pela ducha fria, por exemplo. Utilizam-se plataformas que afundam na água, e outras agressões das mais inesperadas e violentas. Duchas para domar, para desconcertar, para vencer recusas e derrubar o orgulho (FOUCAULT, 1999). A água é dolorosa, ela humilha, castiga e reduz ao silêncio – ela corta a palavra.

A água é ainda um instrumento de confissão nesse período. O seu escoamento leva as impurezas e as ideias não consideradas úteis. A água conduz a verdade. Verdade essa que pode ser produzida pela confissão. Como diz Foucault (1999), é um diálogo de afogados, ou melhor, do louco - um grande peixe se sacodindo e tentando sobreviver, e o seu afogador.

Terceira Onda: Assombro

No fim da Idade Média (aproximadamente século XV), a loucura causa inquietude e ambiguidade, passa a ser lugar de denúncia e de crítica. No teatro, toma lugar de centro, onde se mostra como mais próxima da felicidade e da verdade que a razão. No final desse período, a loucura passou a assombrar o homem ocidental e o desatino, ainda que apavorante, causa agora fascínio e atração. Fascínio, pois é um saber, embora um saber proibido. Na Idade Média (por volta do século V ao século XV), a loucura tinha lugar na hierarquia dos vícios, já na Renascença (cerca do século XIV ao século XVI) passa a ocupar o primeiro lugar das fraquezas humanas, “privilégio absoluto da loucura: ela reina sobre tudo o que há de mau no homem” (p. 23) – como o erro e o defeito. A loucura é ligada ao homem por suas fraquezas, ilusões e sonhos que alimenta, ele a

constitui no apego que tem por si mesmo. Durante toda história, loucura e razão estabelecem relação reversível, de dependência, de sentido, de inquietude e até de semelhança.

Quarta Onda: Silêncio

Na Era Clássica – séculos XVI ao XVIII, aproximadamente –, a loucura será reduzida ao silêncio e será identificada como “a impossibilidade do pensamento” (FOUCAULT, 2014, p. 46). A loucura, dessa forma, não pode mais dizer-lhe a respeito e o que era até então entendido como um mal estar passou a ser reconhecido como doença. Depois do século XVII, o que tinha função de revelação ou manifestação presente no horizonte social, passa a ser derrisória, mentirosa.

Junto com o impedimento da ação, veio o impedimento da fala. Pelbart (1989) nomeia como “transgressões da linguagem referida”. As falas dos loucos são consideradas sem sentido (insensatos, imbecis e dementes), blasfematórias (violentos e furiosos) e ainda de sentido proibido (libertinos e teimosos). A loucura é, portanto, uma linguagem excluída que assinala desvios. Se é uma fala desprovida de significado e de alguma forma intolerável, quem irá escutar os loucos? Não somente os loucos, mas todos os isolados e segregados pela internação? É nesse contexto que surgiram as casas de internação, quase como uma terra natural à loucura.

Como desdobramento da história, chegamos ao alienismo (virada do século XVIII para o século XIX). Amarante (2007) nos guia em seu livro sobre o histórico da apropriação da loucura pelo saber médico a partir desse momento. Philippe Pinel participou de forma ativa da Revolução Francesa (1789) que foi um grande palco de discussões e transformações econômicas, sociais e políticas, o que impactou diretamente a história da psiquiatria e a história da loucura. Uma dessas transformações foi no que conhecemos hoje como hospital.

A Loucura foi Ancorada

O hospital em sua história e criação não era uma instituição médica, mas foi criada como lugar de caridade onde era oferecido teto e comida aos pobres, mendigos e doentes. Segundo Foucault (2007), os hospitais que funcionavam desde a Idade Média não eram concebidos com o objetivo de cura. Dessa forma, os hospitais não eram instituições médicas e a medicina, por sua vez, não era uma prática hospitalar. O hospital era lugar de assistência aos pobres. Assistência e exclusão: recolhe o pobre doente e protege os outros dos seus perigos, como o de contágio. Nessa época, o “hospital era um morredouro, um lugar onde morrer” (p. 59), lugar ideal, portanto, do pobre que se encontra a beira da morte. Sendo um âmbito religioso, assegurava-se no hospital, a salvação da alma do pobre doente, e a salvação de quem cuidava dos pobres. Salvação espiritual, não material.

No século XVII, no entanto, surgiram os grandes Hospitais Gerais que tinham como função manter a ordem social. Um lugar de caridade que passou a ser lugar de isolamento e segregação. Um novo lugar para a loucura estava então traçado. As internações eram determinadas por autoridades reais e judiciárias. Misturam-se doentes, devassos, loucos e etc, num verdadeiro misto com ingredientes de assistência, exclusão e transformação religiosa e espiritual (FOUCAULT, 2007). Alguma semelhança com as internações nos hospitais psiquiátricos relatados como no livro *Holocausto Brasileiro em pleno séc. XX?*

Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos (ARBEX, 2013, p. 13).

O ano exato da fundação do primeiro Hospital Geral é de 1656. Recolhiam, alojavam e alimentavam os que iam por vontade própria ou encaminhados pelas autoridades. O

médico passava por lá no máximo duas vezes por semana, não se caracterizando nem se assemelhando como estabelecimento médico (FOUCAULT, 2014).

Hospital e medicina permanecem independentes até o século XVIII, só então, o hospital foi medicalizado, e no mesmo movimento, a medicina pode tornar-se hospitalar. Esse movimento ocorreu pela necessidade de extinção dos efeitos negativos do hospital, o seja, o intuito inicial foi melhorar a nocividade por conta de sua desordem estrutural. O caminho encontrado: disciplina, exercício de poder.

É a introdução dos mecanismos disciplinares no espaço confuso do hospital que vai possibilitar sua medicalização (...). As razões econômicas, o preço atribuído ao indivíduo, o desejo de evitar que as epidemias se propaguem explicam o esquadramento disciplinar a que estão submetidos os hospitais. Mas se esta disciplina torna-se médica, se este poder disciplinar é confiado ao médico, isto se deve a uma transformação no saber médico. A formação de uma medicina hospitalar deve-se, por um lado, à disciplinarização do espaço hospitalar, e, por outro, à transformação, nesta época, do saber e da prática médicas (FOUCAULT, 2007, p. 62).

Hospital foi concebido nesse momento como instrumento terapêutico e o médico responsável pela construção e organização desse espaço. Revela-se nesse contexto, o médico de hospital. Antes, o médico era de consultas privadas, e os que faziam visitas nos hospitais, eram os médicos rechaçados, os piores. No século XVIII o jogo se inverte, e mais sábio é o médico com mais bagagem e experiência hospitalar.

Hospital não é somente lugar de cura, mas de formação e transmissão de saber. O conhecimento sai dos livros e passa a ter seu lugar de destaque no hospital. Registro do que é vivo, ativo e atual: “e assim que naturalmente se chega, entre 1780/1790, a afirmar que a formação normativa de um médico deve passar pelo hospital” (FOUCAULT, 2007, p. 64).

No Brasil, em 1830 iniciam-se os primeiros movimentos de médicos contra a situação dos loucos no Hospital Santa Casa de Misericórdia (sem cuidados, sem cura, sem domínio da loucura e sem higiene). Propõe, então, a criação de um hospício de alienados como um instrumento terapêutico: aos loucos, o hospício. Aos loucos pobres, é claro. Aos ricos, vigilância e isolamento em casa. Em 1841, com D. Pedro II, temos a

criação do 1º hospício no Rio de Janeiro: o lugar do louco não é mais a rua nem a prisão, mas o hospício, pois supunham que loucura não se curava com liberdade nem com repressão, mas com disciplina. A loucura recebe definição médica e a medicina por sua vez patologiza o comportamento do louco. Loucura como alienação mental é então integrada à medicina, à psiquiatria (MACHADO; LOUREIRO; LUZ; MURICY, 1978). Não existe mais a nau, e sim o hospital: a loucura foi ancorada.

O esquecimento cai sobre o mundo sulcado pela livre escravidão de sua Nau: ela não irá mais de um aquém para um além, em sua estranha passagem; nunca mais ela será esse limite fugidio e absoluto. Ei-la amarrada, solidamente, no meio das coisas e das pessoas. Retida e segura. Não existe mais a barca, porém o hospital (FOUCAULT, 2014, p. 49).

Ainda segundo Amarante (2007), com o lema Igualdade, Liberdade e Fraternidade, os espaços começaram a ser democratizados, e novos dispositivos assistenciais foram criados como orfanatos e reformatórios. O hospital então de lugar de caridade, passou a ser lugar de segregação e passa a ocupar o lugar no tratamento dos enfermos. É medicalizado e se torna uma instituição médica na qual é possível agrupar as doenças, observá-las de forma regular e constante e assim acompanhar todo seu curso. O médico passa a ser o detentor do saber sobre as doenças. É necessário disciplina para distribuição dos doentes, controle, vigilância e registro contínuo. O médico é quem tem o saber sobre a doença e o hospital é seu espaço de saber - saber sobre uma doença institucionalizada. Esse modelo médico implica uma relação com a doença como objeto onde o médico pode intervir. O sujeito da experiência é anulado. Tratam-se doenças, não pessoas – corpo ausente. O corpo e a consciência são capturados operando-se dessa forma, uma redução e supressão da existência do sujeito (BENINI, 2008).



O hospital psiquiátrico do século XIX tem a função de diagnóstico e classificação. Foucault (2007) compara esse modelo de hospital a uma horta: um retângulo botânico dividido em compartimentos onde as mais variadas espécies estão à disposição. Um espaço onde se pretendia dizer a verdade sobre a doença e ainda produzir a doença sobre a verdade que acredita. Espaço de cultivo no sentido de criação de doenças. O hospital com o “mestre da loucura” faz manifestar a verdade quando ela se soterra e se esconde. Depois que vem à tona, a absorve. Cultiva e colhe. A suposta verdade sobre a loucura podia então ser fabricada, o médico, na psiquiatria clássica, tinha o poder de transmitir as doenças que em teoria deveria curar:

Sabemos sobre a sua doença e sua singularidade coisas suficientes, das quais você nem sequer desconfia, para reconhecer que se trata de uma doença; mas desta doença conhecemos o bastante para saber que

you não pode exercer sobre ela e em relação a ela nenhum direito. Sua loucura, nossa ciência permite que a chamemos doença e daí em diante, nós médicos estamos qualificados para intervir e diagnosticar uma loucura que lhe impede de ser um doente como os outros: você será então um doente mental (FOUCAULT, 2007, p. 73).

O hospital então tem novos papéis a cumprir: sujeitar os corpos com o intuito de que absorvessem as normas naturalizadas pelo pacto social normalizando os sujeitos a partir da noção do que  cidadania. Para tanto, o isolamento é usado como ferramenta tendo o poder de restituir ao homem a liberdade que lhe foi apartada pela alienação. Afinal, as causas da alienação, acreditavam, estariam no meio social. Pinel funda nesse momento os primeiros hospitais psiquiátricos e seu primeiro modelo de terapêutica: o tratamento moral.

Nesse momento, acreditava-se que no isolamento seria possível conhecer a alienação no seu estado puro, teoricamente livre de qualquer interferência do mundo, como as paixões que desestabilizam, desarmonizam e impossibilitam assim o sujeito de ver a realidade. Com o isolamento ainda,  possível produzir conhecimento no campo da loucura, as pessoas são observadas e a doença descrita, comparada, analisada e classificada (AMARANTE, 2007).

O alienismo do século XIX tinha como princípio o conhecido tratamento moral que consistia no silêncio para que os loucos esvaziassem-se dos delírios; no julgamento (vigilância e punições) para interiorização da culpa; na ridicularização da loucura através dos pares e na autoridade do médico. A loucura deveria aparecer para ser abolida pela força da racionalidade.

A Impossibilidade do pensamento

Racionalidade rompida, impossibilidade de pensamento. Essa é a visão de Descartes (1983) sobre a loucura. Visão condizente com a Era Clássica. Ele defende que os sentidos são o que há de mais verdadeiro e seguro para o aprendizado, porém, podem errar, então é prudente não confiar inteiramente neles. Para se chegar ao conhecimento é importante duvidar do pensamento e dos sentidos e ter poder de escolha. Os loucos

têm os sentidos alterados, não percebem as coisas como elas são de fato. Se alguém pensa, não pode ser louco. Logo, o louco não pensa. O que se vive apenas em forma de sonho, os loucos vivem na realidade do dia a dia. Descartes defende que o que distingue os homens dos animais é a razão, a inteligência: “Penso, logo existo”. E se o louco não pensa, logo não é um homem racional. O louco é reduzido ao plano da animalidade.

Acreditava-se que o que diferencia o homem e o animal é a racionalidade, e o louco se identifica com a parte animalesca. Por isso as práticas de dominação da loucura por certo tempo passavam por uma dominação, tal como com um animal arredo. Loucura além de desrazão é furor. O século XVII foi onde houve o rompimento e a separação entre razão e desrazão, foi o momento que “em que a razão produziu a loucura” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 26). Garcia-Roza defende que o que existia antes era a diferença e o seu lugar. Podemos entender aqui que a loucura não era, pois, marcada como doença. Essa foi moldada, fabricada “sendo que a grande fábrica foi o hospital e que o grande artesão foi o psiquiatra” (p. 28). Loucura enquanto produção. Produzir o conhecimento acerca da loucura é produzir a própria loucura. É um convite (?) a novos passageiros para integrarem a grande nau. Passageiros sem pensamento. Ou pensa, ou é louco. Ficar louco é igual perda da racionalidade, da razoabilidade.

Nesse mesmo contexto histórico – Era Clássica, o alienado foi deposto do seu papel de cidadão, pois cidadania é entendida nesse momento como a responsabilidade e a possibilidade de convívio e partilha com os outros, e a alienação cresce associada a ideia de periculosidade, sendo necessário então, garantir pelo isolamento a segurança pessoal do louco e de sua família. O louco estava então exprimido a outro olhar:

trata-se de um outro olhar, menos escandalizado, menos fascinado, menos temeroso e mais penetrante. O medo passa para o lado do louco; sua existência passa a ser medida, subdividida, classificada, vigiada, julgada, responsabilizada ou inocentada, corrigida e punida — numa palavra, não excluída, mas dominada (PELBART, 1989, p. 61).

Com esse movimentado contexto emergem muitas críticas ao alienismo, pois ele se opõe as ideias libertárias da Revolução Francesa que estava em voga nesse momento.

Manifestam-se indagações do que é a normalidade e a anormalidade, qual limite entre sanidade e insanidade.

Esta é então a base da nossa navegação: histórias silenciadas, apagadas e contadas pela medicina em uma lista de sinais e sintomas e nunca pelo sujeito da experiência.

Estou despenteada, dizia ela, “quero me pentear; mas não tenho um pente, preciso de um pente, tenho direito a um pente!”. Mas ninguém lhe atendia: a obsessão pelo pente seria um mero sintoma psicótico? Para que uma louca necessitaria de um pente? O transformaria em uma arma? O jogaria fora e pediria um outro, e mais outro, e outro ainda? (AMARANTE, 2007, p. 68).

Se em toda a história a psiquiatria colocou o doente entre parênteses e preocupou-se apenas com a doença, propõe-se o movimento inverso: coloca-se agora a doença entre parênteses para então ver e escutar o sujeito da experiência, sujeito em sofrimento. Sujeito esse produto de suas relações, um composto histórico, sujeito em construção. Porém, como nos alerta Silva (2005):

o fato de sair da parede institucional não garante uma prática de reforma psiquiátrica. Posso andar pela cidade usando a mesma lógica do hospício, mantendo a internação dos sujeitos acompanhados na vida cotidiana, mesmo numa aparente livre circulação fora dos manicômios (SILVA, 2005, p. 101).

É preciso, pois, reinventar cotidianamente a existência e lutar incansavelmente pela não-captura desses movimentos (MACHADO, 1999). Novas práticas e novos campos de força se atualizam a cada época não sendo, infelizmente, possível dizer que com esse movimento de escutar o sujeito da experiência e a saída das paredes do manicômio, as práticas manicomialis tenham se encerrado. Elas nos escapam. Porém, nosso sussurro da espuma não irá avançar como onda além desse movimento, pois consideramos que com esses rastros foi possível rascunhar a construção da nossa carta náutica. Novas pesquisas podem aprofundar nesse elo entre água e loucura. Há muito a ser descoberto, explorado, novos mergulhos em novos mares e marés. Novo.





Atire-me ao mar: Mar de gente³

— Histórias?! — disseram os peixes que estavam ali por perto. — Que significa “histórias”? Na verdade, essa era uma palavra que ninguém conhecia no fundo do mar. Ali, nunca ninguém contara ou escutara algum conto. A estrela-do-mar explicou então, à sua maneira, que uma história era uma coisa que se contava e ajudava as pessoas a sonhar (ARAÚJO; FRANÇA, 2010)

Essa história começa lá em Portugal, terra distante de muita pobreza e improdutividade, com um menino franzino que em sua memória ficou marcado o pai bebendo e a mãe gritando por socorro. O número de irmãos já não se recorda, perdeu memórias e rompeu vínculos. Com 25 anos recebeu um convite e em um avião capenga cruzou mares, pois viu São Paulo como possibilidade. Mas não foi... O que encontrou foi mais miséria e sofrimento. Virou andarilho e ficou 25 anos a desbravar a pobreza humana de norte a sul dessa imensa terra, muito viu, muito sofreu, muito se esqueceu. Nos alerta que essa história não tem humor tampouco romance...

Enquanto catava lixo para comer o pegaram e o levaram para o Santa Isabel⁴. Ninguém perguntou nada, foi levado sem escolha. E lá passou 10 anos, 10 anos deitado. Não, não tinha o que fazer. Quando pegou tuberculose ficou na solitária. Um pouco mais sozinho que nos outros dias.

Se prefere a rua ou um teto no hospício? Prefere a rua. Na rua quase não passa fome, sempre se vira e ainda pode ver os passarinhos a cantarem pela manhã. Aliás, os pássaros são seus únicos amigos - o pessoal da rua é muito estranho. Aprendeu a conversar com jeito e assim nunca passou por uma batida policial. Como estava sempre só, ele não era alvo da polícia, não representava perigo. Inclusive os policiais em uma de suas andanças lhe apelidaram: Mendicampo. Na rua não criou vínculos, não teve família. Os mais próximos são os grandes filósofos que pegava na lixeira e serviram-lhe de companhia nos becos e nas noites frias. Conversamos sobre Schopenhauer,

³ O RAPP. **Mar de gente**. Por FARIAS, Lauro; FALCÃO, Marcelo; LOBATO, Marcelo; XANDÃO. 2003.

⁴ Clínica Santa Isabel, em Cachoeiro de Itapemirim, é um Hospital Psiquiátrico no qual o Governo Estado do Espírito Santo manteve convênio até junho de 2016. Para mais informações, acessar: <https://saude.es.gov.br/Not%C3%ADcia/estado-fecha-o-ultimo-manicomio>

sobre Nietzsche, e me pede um livro de Kant que começou a ler há uns anos atrás: A crítica da razão pura.

Sobre romances não tem nenhuma história para contar, foi quase um padre, mulher mesmo só viu ao longe.

Meu pai bebia demais, bebia todo dia, falava besteiras e arranjava briga. Deve ter morrido de tanto álcool.

Tive cinco irmãs, eu era o único filho homem. Uma morreu de câncer na medula, a outra nem sei, deve ter morrido de histeria igual nossa mãe. Apanhou muito coitada.

Sua terra natal é Setúbal em Portugal, lugarzinho perto do mar e que a pesca é a principal fonte de renda, de turismo e diversão. No rio ali próximo começou sua vida profissional: ia de barquinho lá para o meio, lá colocava uma sonda, tirava cascalho e ganhava a vida. Quanto mais cascalho tirasse do fundo do rio mais dinheiro ganhava e a sonda comprovava a produção. Depois ficou desempregado e o próximo emprego que encontrou foi só no Brasil em um bar, mas o povo era muito doido. Doidos eram também os integrantes da sua família. Cinco irmãs, todas doidas. Uma delas roubava carne do seu prato e o fazia passar fome. Mas por ela já lutou. Quando era mais novinho foi de navio para Moçambique e lá quase matou um cara com uma tijolada na cabeça porque o abusado foi mexer com ela.

O Brasil conheceu quase todo, queria ter ido à Amazônia, mas lá não podia entrar a pé pela estrada e como não tinha carro, não foi... Mas já viu jacaré de verdade em alguma terra por aí. Tomou um mega susto quando o bicho atravessou na sua frente à luz da lua cheia, achou que fosse lhe comer inteiro. Nunca provou sua carne, pois o comércio local não vendia mercadoria boa para pobre, porque se os ricos procurassem tinha que ter fresco e a disposição.

Vocês são tudo certinho. Não posso fumar um baseado nem beber cachaça aqui dentro, nem no meu aniversário.

Meu nome na verdade não é Jorge⁵. Esse nome me deram lá no Santa Izabel, me chamavam de Jorge de Tal. Não sei por que. Eles eram todos loucos. Essa data de nascimento também não é minha. Nasci no dia 24 de abril. Eles sempre faziam essas coisas... Tudo doido. Durante 11 anos que passei lá dentro eu vi de tudo. Começamos até a duvidar da nossa identidade. Com nome diferente é bem difícil alguém achar, difícil.

Quando cheguei aqui morei com meu tio que é homossexual no bar dele. Ele abriu o bar e lá trabalhávamos, de madrugada íamos dormir dentro do carro na garagem. Fiquei lá poucos meses porque ele era doido. Ele e toda a minha família. Fui então andar pela rua, mas nunca encontrei boas pessoas. Tem gente que acha né?! Acha quem ajude, quem converse, quem apoie... Eu nunca tive isso, só encontrei gente doida.

Sonhos me deixam muito angustiado, é como uma janela para fora da realidade, uma janela que te leva para outra janela. O sonho do sonho onde não é possível despertar. Com o baseado é como se eu ficasse ali na janela, vendo o outro lado, vendo outras cores... meus dedos se movem como se fosse pintar uma grande obra de arte.

Pobre morre cedo por que só come uma vez ao dia. Eu fazia minha refeição nos postos de gasolina.

Pizza? Gosto de pizza de atum, já comi um pedaço que encontrei no lixo lá em São Paulo.

Esse autor eu conheci de nome, mas não conseguir ler seu livro ainda não. Ele é um grande pensador e escritor conhecido lá em Portugal. Cheguei a pegar o livro na mão, mas tomei porrada na cabeça dentro da livraria, só para eu não ler. Sempre fui muito perseguido.

Sou um passarinho na gaiola, o gato na amnésia quer me comer.

⁵ Nome fictício

Quando teve a ditadura no Brasil eu estava lá em Portugal, mas lembro bem do movimento das diretas já e o rosto do Lula durante as lutas dos trabalhadores. Depois eu que sou o doido de querer isso de volta... aiai.

Andava pelas ruas da cidade, fumava seu cigarro e de vez enquanto arrumava outras coisas por aí e assim seguia sua vida. Sempre em busca de não arrumar confusão e de não se meter com a polícia. Andarilho por vocação. Só que um dia algo deu errado e a polícia o levou. Seu erro? Não descobriu até hoje. Só sabe que passou anos, anos e mais anos a base de injeção e sofrimento. Questiona se sei por quais hospitais passou: “será que tem aí?” Me aponta o celular. Não, não tenho, essa história não sei contar, só vim ouvir... Hoje sua maior vontade? Ficar vendo as pessoas na rua... Um sonho? Andar de ônibus... Medo, vergonha... E se a polícia pegar? E se alguém puxar briga? E se... E a família? Não sabe, não viu, tinha tios por aí. Agora? Solidão.

Trabalhou na mineração e também na construção civil no Morumbi e na Paraíba. Ensina-me a fazer uma sapata, não essas fraquinhas que vemos aqui, mas aquelas boas das grandes construções. Lembra que já trabalhou muito, mas depois que veio para Vitória parou de trabalhar e só fica conversando aqui e acolá.

Cinema? Sei sim, aquela tela que tem um monte de coisa, tem bang bang, tem o Ben Affeck, tem aquele outro também. Pode entrar e ver todos ou apenas um. Não, nunca foi, não era bem-vindo. Só o Cine Caps⁶ mesmo.

Nunca teve uma companheira, nenhuma aceitava o compromisso com ele, até que tentou, mas deve ser o destino que não quis. Não conseguiu ter criança, não teve casa, não teve família, só a rua mesmo. A rua é mais fácil de lidar, só correr quando vê polícia, porque se ficar leva um furo nas costas e um na frente. Mulher é muito complicado. Aprendeu que casamento é como um cavalo com cabresco. Coloca uma corda na boca e quando precisa é só puxar a corda que o passo é interrompido. Tem que ter limite.

⁶ O Cine Caps é um projeto de cinema elaborado pelos/para usuários do Caps. O Caps é um Centro de Atenção Psicossocial. Para mais informações: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf

Lá no Santa Izabel não podia usar esse cordão não, nem cordão, nem boné, nada. Assim que entrava eles tiravam tudo, tiravam toda a roupa, nos deixavam peladinhos. Calor, frio, nada importava. Tinha um shortinho deles, mas era pago. Era sujo. Mas não tinha escolha. Ou aquele short ou andar pelado. E a comida? Você nem imagina. Era só feijão aguado com angu. Às vezes tinha uma verdura, tipo jiló, repolho ou algo sem graça. Tinha que comer rápido para ninguém pegar a sua comida. Homens e mulheres ficavam separados também. Aqui é bem melhor, a comida é boa. Ah, pode usar cordão e bonezinho! Lá éramos prisioneiros, não podíamos sair para nada, até nome eles trocavam. Identidade? Nunca nem vi. Eles mudavam os nomes e as datas de aniversário. Eu não tenho uma data.

Se ele ganhar a eleição, vou arrancar todos os meus dentes logo. É melhor eu fazer isso do que deixar para a ditadura fazer.

Na ditadura, vinham os engravatados e nos colocavam para trabalhar. Trabalhávamos duro todo o dia, mas não era para ganhar salário não, era para evitar porrada. Os engravatados são do mal, batem enquanto riem e tomam cachaça.

Meu pai morreu de câncer. Câncer de cansado.

Meu pai tinha uma terra grande, uma área verde que ele construiu uma casinha de tábuas. Ai morava ele, eu e mais dois irmãos. Não conseguiu transformar em tijolo não. Ele morreu antes, morreu sangrando no chão do hospital. Era alguma coisa de briga, de assassinato, algo assim. Depois que ele morreu, meus irmãos foram embora e eu fiquei sozinho. Decidi então ir embora também. Hoje uma senhora que toma conta da casa, ela melhorou, fez um cômodo de tijolo e colocou um muro. Mas esta lá, quando eu quiser eu volto.

Uma vida com tantas histórias truncadas e fragmentadas quando o discurso que a conta. Filho de pais humildes e adotivos, largou a escola na 7ª série por não ter condições de comprar livros. Não é atoa que hoje não larga a literatura: já leu centenas deles. Em suas várias e várias viagens a pé pelo Brasil, trabalhou com o que apareceu: foi marinho, barman, garçom, pedreiro, vendedor, escavador, ajudante de topografia, agricultor, ufa... Andou, trabalhou, lutou e sofreu. A vida amorosa? Xi, complicado

demais... Morou com uma senhora que o acolheu, viveram e batalharam juntos apesar do desapoio dos filhos dela. Dele só um que ficou com a mãe em Vila Velha, mas essa história melhor desconversar... Contato só através de aerograma com a família - era mais barato! Até que um dia enquanto catava papelão para vender e ter dinheiro para comprar o que comer, um conhecido deputado que diz lutar contra a pedofilia o pegou na rua e o levou para o Santa Isabel... Pronto! Agora a cidade está mais limpa! E assim sua história muda de rumo...

Namoro com a morte.

Sou Católico Apostólico Brasileiro. Romano não, não sou da Itália.

Meu sonho era ser jogador de bola, mas tinha que trabalhar. Parei até de estudar. Só fui até a 7ª série ginasial. Um dia quando vi que não dava mais, peguei minha bola, coloquei na sacola e fui lá no alto do convento. Furei a bola e deixei atrás da Santa, aí virei Aprendiz de Marinheiro. Deu certo só por um tempo, pois era muita água a ser desbravada, e água me enjoa, o balanço me entorpece, vomitava no balanço do mar. Preferia a beira.

Tive que amputar esse dedo. Coloquei um rolo de rolimã para enfeitar, ficar bonito, sabe? Igual esse jogadores que usam brinco. Só que machucou, inflamou e amputaram. Amputam o que não presta. Retiram. Limpam.

Se eu tivesse um título eu votaria nele, mas nem identidade eu tenho... sempre falam que estão tirando, mas tá difícil. Sem identidade, bem benefício.

Se ele ganhar, vamos todos para o esgoto.

Nasceu em Brotas, uma cidadezinha no interior de São Paulo. A mãe trabalhava na plantação de cana de açúcar. Plantava, colhia e fazia o carregamento do caminhão. O pai D. Pedro, trabalhava com uma fábrica de cimento. Essa fábrica cresceu muito e tem várias filiais, inclusive eu deveria ter reparado uma na subida para Cariacica. Ah sim, não vi porque vim pelo Espírito Santo e não por Paris. Seu pai continua vivo e a

trabalhar. Comprou bilhões em caminhões e está acabando de pagar. Deve faltar só uns dois mil. Ele mesmo trabalhava na construção de ônibus e no conserto de relógios. Já construiu dois ônibus para o Frank Sinatra e consertou vários relógios para Clotilde. Inclusive já trabalhou em Paris, a Paris que fica nos Estados Unidos. Juntava dinheiro do seu labor e repassava para o Roberto Carlos, e ele comprava os itens de higiene e alimentação para o Santa Isabel. Quando fechou vieram todos os moradores para Cariacica. Essa região tem sete casas, todas são do Roberto Carlos. Ele continua mantendo com o dinheiro que lhe é repassado. Ele sai de sua fazenda, vizinha da fazenda do Frank Sinatra, paga fiança e passa aqui na frente da casa com um carrão preto. Não para por aqui, é muito ocupado. Os mantimentos ele envia por meio do caminhão do mercado.

Menino negro lá do interior que chamava os amigos para ir pescar no rio ou na lagoa. Iam cavalgando pelas ruas de Brotas, pegavam o barquinho e sem pressa ficavam todo o dia a pescar. Pegavam lambari e tilápia. Cavalgar era terapêutico, dizia ele, podia pegar vento no rosto, os pensamentos se refrescam e sossegam. E quando dava tempo também nadava. Nadar também o fazia relaxar. Eram momentos que ele não precisava pensar em nada, a cabeça parava e o corpo estava em movimento. Movimento. Falando nisso, em dois meses ele contou 150 mil passos ao redor da quadra. Ia todas as manhãs após o café dar, literalmente, voltas na quadra. Mas agora resolveu dar um tempo, afinal, as crianças também querem usar a quadra e fica difícil com uma pessoa rodando lá dentro... Vai aderir apenas às caminhadas pela rua, sozinho. Sempre.

Já te contei que sou amigado? Minha mulher se chama Maria, uma moreninha linda. Ela hoje tem uma terrinha para plantação. Antes ela trabalhava para o Tônico e Tinoco, que vem a serem os irmãos do Roberto Carlos. Mas ela trabalhou muito e não recebeu nenhum pagamento, então eles lhe deram a terra para amortecer a dívida. Ela faz então plantação de cana para produzir açúcar. Cachaça ela não faz não. Maria também é mais velha do que eu, eu tenho 57 anos, ela tem 180. Temos um filho juntos, o Pedrinho que já tem 40 anos. Eles passam por aqui às vezes a noite, passam de carro na rua e deixam umas blusas para mim. São todas usadas por Maria, mas estão ótimas, olhe só! Já estamos juntos há mais de 40 anos. Essas casas aqui ao redor são todas minhas, eu que

construí. O Roberto Carlos me ajuda na compra de material. Mas eu que construo sozinho e a família de Maria toma conta. A padaria, por exemplo, sabe a padaria ali de baixo? É um tio dela que administra.

Você vendeu o automóvel para Maria? Ela ganhou um dinheiro do Roberto Carlos e ia comprar um carro.

É a natureza que estava comigo. Só precisava de água, pedra para por a cabeça e uma grama verde. Tem que confiar na natureza.

Já alimentei todos os animais, todos os animais. Já alimentei peixe, pato, cachorro, gato. Gato não fala, não mia se não tiver alimentado. Eu também não. Pegava comida no lixo, tirava a parte podre e dava a metade para os animais. Eles são da natureza, da natureza. Tem que fazer a nossa parte, sabe? A natureza é tudo.

Eu dividia a carne com os urubus, na verdade, na verdade, não a carne. Eu comi mesmo eram os ossos, até osso de gente.

A polícia me pegou usando crack pelas ruas e me surravam enquanto me chamavam de bicha. Acho que o cachimbo não foi o problema... Tá vendo essas marcas aqui? Tudo cicatriz de porrada.

Fui morar nas ruas depois que minha mãe morreu. Meu pai foi preso porque minha irmã foi estuprada e meu irmão já estava no presídio. Meu pai não aceitava que eu era bicha, tentei falar, mas ele não ouvia. Até que ele encontrou minhas calcinhas embaixo da cama. E aí já viu...

Nasci na beira da praia, sou bicha do mar.

Sei fazer biscoito, macarrão e até escondidinho. Minha especialidade mesmo é biscoito de canela, mas aqui não pode fazer, não pode nem entrar na cozinha, dizem que é perigoso, mas acho que é nojo, tenho umas feridas aqui oh. Se bem que o armário de facas é fechado, escondem a chave em outra gaveta também trancada.

Nunca me via, nem conseguia me sentir bem usando roupas de menino. Parecia que não era eu ali. Sempre sofri muito com isso, mas um dia foi pior... Meu pai me prendeu em casa, cárcere privado que fala, né? Me torturava e tinha de ajuda os meus irmãos. Avisava que só sairia daí quando virasse homem. Foram dias no inferno. E eu não virei... não é uma escolha sabe... Me olham na rua como se eu tivesse escolhido ser assim.

Nascido e criado em Juiz de Fora, tinha apenas 1 irmão. Quando a família toda faleceu, resolveu andar por aí. Foi conhecer Atílio Vivacqua, só que o passeio não foi exatamente como esperado... Estava sem dinheiro, não conseguiu seus bicos de servente de pedreiro e resolveu então pedir. Só que o pedido também não foi atendido como esperado. Recebeu sim alguma comida, mas em compensação, ganhou grades, ganhou aprisionamento, recebeu um pátio para perambular. Recebeu silêncio, recebeu remédio. Conquistou um prato de comida, mas ainda tinha fome: tinha fome de falar, tinha fome de ser escutado. Tinha sede de Fanta. Passos lentos, olhar para o chão, braços jogados, voz bem baixa. Recebemos um aviso: “Conversa com ele não, que é perda de tempo, não dá para escutá-lo”. Minha resposta? Um olhar. Um olhar que se fez entender. A resposta foi a quem interessava ao pé do ouvido: “nos entendemos muito bem, não é?” Um sorriso me abraçou.

Fui casado quase 15 anos, mas não tive filhos. Vivia lá na Zona da Mata. Minha esposa morreu do intestino, depois disso que vim para o Espírito Santo. Fiquei pouco tempo, logo me levaram para Cachoeiro e de lá vim para cá. Queria mesmo era ir para casa, mas não pode né?!

Tenho 63 anos e nunca me interessei em namorar... Sou solteirona mesmo. Solteirona que escuta Sérgio Reis:

“Tô de namoro com uma moça solteirona,
A bonitona quer ser a minha patroa,
Os meus parentes já estão me criticando
Estão falando que ela é muito coroa,

Ela é madura, já tem mais de trinta anos
 Mas para mim o que importa é a pessoa...”⁷.

Uma grande massa corporal estava presente na cadeira da sala durante toda à tarde. Um corpo estático que só não passava despercebido devido ao seu tamanho. Passaram-se semanas, talvez meses e esse corpo se encheu de vida, mudou de casa, sorria, protestava e pegava sol.

>> Eu queria ir embora daqui. Queria ir embora, mas não posso né?!<<

>> Sou triste, triste. Sou triste aqui. <<

Entre lembranças fragmentadas e que precisavam de demora, histórias emergiam. Uma vida marcada por abandono, casa de passagem, manicômio. Uma vida marcada pelo amor, um amor que cuidava, passeava, construía planos. Um amor interrompido pela prisão do amado. Um dia, um rapaz apareceu morto na cidade... e o grande amor foi preso. Nunca mais viu. Nada de família, nada de lar.

>> Onde eu moro mesmo?<<

Quero ir para casa. Não sou feliz aqui não, mas não me deixam ir embora. Tenho família. Tem parte lá em Aracruz, tem uma tia que mora em Brasília. Não lembro o nome dela, mas tenho certeza que ela ia querer ficar comigo.

Não sou feliz aqui não.

Quero ir para casa.

Me leve com vocês?

Pois é... Maria morreu... minha mãe morreu. Mas tenho outra mãe lá. Tenho uma tia também. Elas me querem de volta. Lá é minha casa.

⁷ SÉRGIO REIS. Panela Velha. **Sérgio Reis**. Por Auri Silvestre & Moraezinho, 1973.

...

Quando pensei em sair veio-me a memória um passeio na praia que tinha feito alguns anos antes. Comecei a planejar uma nova ida e recordei de uma lição importante: não há rotas prontas, não tem como programar como será. Peguei então uma estrada desconhecida, porém a ida sozinha estava difícil e conturbada. Voltei e consegui alguns companheiros que toparam embarcarem comigo e fomos pegar carona num caminho de terra. Passei a ser plural.

Chegamos a uma praia e lá passamos um dia inteiro. Construímos um mega castelo na areia, com direito a ponte com rio passando embaixo e janelas amplas no topo. Foram baldes e mais baldes de areia, água e mais água. Muitos utensílios: colheres, potes e chinelos. Foi um dia produtivo, divertido e escaldante.

Alguns passavam viam o castelo e riam... Alguns pegaram um balde e foram ajudar, mas logo cansaram; outros ignoravam e quase passavam em cima. Teve um momento que por pouco não acertaram a bola de futebol na torre: pude sentir meu rosto ficando quente. Mas lembra que eramos plural? Pois bem, durante toda a construção sempre teve aqueles que acompanharam até o fim. Orgulhosos. Parceiros. Sábios.

Só que o sol se pôs, era preciso ir embora. O dia se encerrou! Era preciso desapegar e deixar a vida se encarregar... Foi uma construção bonita, mas que se despede nesse momento. Talvez amanhã uma criança o encontre e o continue... mas talvez ele seja destruído por alguém. O mar pode pegar para ele, o vento pode dar seus toques... O castelo se finda, fica longe da minha vigília, mas o sentimento daquele dia na beira mar é permanente.

Mas é verão, meu amor!!! Amanhã tem mais! Quem é do mar não se ausenta, precisa voltar para respirar, tomar fôlego e seguir a vida no concreto da cidade.



<< É a menina que vem ficar aqui com os doidinhos. >>
<< Juízo em menina! >>
<< Vai com Deus e que a Virgem Maria a acompanhe. >>

Referências

- A OSTRÁ e o Vento. Direção: Walter Lima Jr. Brasil, 1997.
- AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- ANTUNES, Arnaldo. A casa é sua. **Lê Lê Lê**. Por Arnaldo Antunes / Gonçalves Filho, 2009.
- ARAÚJO, Rosário; FRANÇA, Catarina. **Histórias do Mar**. Disponível em: <<https://contosparacrescer.wordpress.com/2010/09/15/historias-no-mar/>>. Acesso em: 13 de outubro de 2017.
- BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. **Cartas impertinentes**: agonística de uma escrita sobre o intolerável. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 12, abr. 2018, P. 396/ 414.
- BAPTISTA, Luis Antonio; SILVA, Rodrigo LAGES. A cidade dos anjos do improrrogável. **Rev. Polis e Psique**, p. 49-73. 2017.
- BARÃO VERMELHO. Maior Abandonado. **Maior Abandonado**. Por CAZUZA, 1984.
- BARROS, Manuel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BARTHES, Roland. **A câmera clara**: Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.
- BENINI, Eduardo Rocha. O poder psiquiátrico – Curso do Collège de France (1973-1974) Michel Foucault. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Ano 2, Volume 5, Dezembro 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire: um lírico na época do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, s/v, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BRANT, Sebastian. **A nau dos insensatos**. São Paulo: Octavo, 2010/1494.

CARVALHO, Julia Dutra; GARAVELO, Leonardo Martins Costa; ZANON, Regina Basso. S/t: silêncios e testemunhos. In: COSTA, Luciano Bedin; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 47- 69.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHIEPPE, Marcia. **Lume do dia**. Rio de Janeiro: Editora Caliban, 2009.

CLUBE DA ESQUINA. Clube da Esquina II. **Clube da Esquina**. Por Lô Borges / Milton Nascimento / Marcio Borges, 1972.

COSTA, Luciano Bedin. O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida. In: COSTA, Luciano Bedin; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 47- 69.

COSTA, Luis Artur; KIRST, Patrícia. Mais geografia do que história: o tempo do fora no fora do tempo. In: COSTA, Luciano Bedin; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 47- 69.

DELEUZE, Gilles. **Logica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento: cinema 1**. São Paulo, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990.

DELEUZE, G. Políticas. In: DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento: cinema 2**. São Paulo: Brasiliense, 2005

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Uma conversa, o que é, para que serve? In: DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DIDI- HUBERMAN, George. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ÉSQUILO 525- 456 a. C. – **Prometeu acorrentado/ Ésquilo. Ajax/ Sófocles. Alceste/ Eurípides**: tradução do grego, introdução e notas. Mário da GAMA Kury. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FLORES, Diego. Corpo e experiência na cidade dos poetas piratas. In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana (orgs). **Por que a cidade?** Escritos sobre experiência urbana e subjetividade. Rio de Janeiro: Eduff, 2012, p. 31- 52.

FOERSTER, Heinz Von. Visão e conhecimento: disfunção de segunda ordem. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

FONSECA, Tania Mara Galli. Vidas do fora e a escrita de um mundo incontável. In: COSTA, Luciano Bedin; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 23- 45.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FOUCAULT, Michel. A água e a loucura. In: _____. **Problematizações do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 186-189.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico**: curso dado no Collège de France (1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

- FOUCAULT, Michel. A casa dos loucos. In: _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2007. p. 65- 73.
- FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. In: _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2007. p. 58- 64.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed 34, 2006.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **1936 - Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2009.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- IBSEN, Henrik. **A dama do mar** – adaptação de Susan Sontag. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- KAFKA, Franz. Um relatório para uma Academia. In: _____. **Um médico rural**. Trad. Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 57-67.
- KNIJNIK, Cristiane; GUIZZO, Iazana. Troca de segredos: um dispositivo que contagia experiências. In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana (orgs). **Por que a cidade?** Escritos sobre experiência urbana e subjetividade. Rio de Janeiro: Eduff, 2012, p. 31- 52.
- KUNDERA, Milan. **A lentidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LINDBERGH, Anne Morrow. **Presente do Mar**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**. 16 (1): 146-150; Número Especial 2004.
- MACHADO, Leila Domingues. Subjetividades Contemporâneas. In: BARROS, M.E.B. (Org.). **Psicologia – Questões Contemporâneas**. Vitória: Edufes, 1999.

MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Angela; LUZ, Rogerio; MURICY, Katia. **Danação da norma**: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Equivocidades. In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana (Org.). **Por que a cidade?** Escritos sobre experiência urbana e subjetividade. Rio de Janeiro: Eduff, 2012, p. 53- 64.

O RAPPÁ. **Mar de gente**. Por FARIAS, Lauro; FALCÃO, Marcelo; LOBATO, Marcelo; XANDÃO. 2003.

O TEATRO MÁGICO. Ana e o Mar. **Entrada para Raro**. Por Fernando Anitelli, 2003.

PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo-rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1956.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: Loucura e desrazão. Editora Brasiliense, 1989.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PINTO, Aline. Magalhães. “Fio e luz: Apontamentos dispersos sobre um labirinto”. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. X, n. 18 (jan-jun/2016), pp. 1-6.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Como fracassar em Literatura**. Belo Horizonte: Pausa, n. 100, jun. 2013. Disponível em: < <https://issuu.com/pausa/docs/pausacem>>, acesso em 05 de maio de 2018.

PRANDI, Reginaldo. Axé, corpo e almas: concepção de saúde e doença segundo o candomblé. In: Paulo BLOISE. (org.). **Saúde integral**: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade. São Paulo, Editora Senac, 2011, v. 1, p. 277-294.

PRANDI, Reginaldo. **Aimó**: uma viagem pelo mundo dos orixás. São Paulo, Editora Seguinte, 2017.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade - sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

PUCHEU, Alberto. O dia em que Gottfried Benn pegou onda. *Floema*. **Caderno de Teoria e História Literária**. 2011.

QUINTANA, Mário. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RIBEIRO, Elton Silva; BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Ruídos e silêncios de um corpo na cidade: paradoxos da produção da diferença no contemporâneo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 374-391, ago. 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTIAGO, Valter. **Projeções cartográficas: a carta náutica**, 2012. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/alexandresantiago/files/2012/03/carta-nautica-uso-e-interpretacao.pdf>>. Acesso em: 06 de junho de 2017.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SILVA, A. S. **A Emergência do Acompanhamento Terapêutico**: O Processo de Constituição de uma Clínica. Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SÉRGIO REIS. *Panela Velha*. **Sérgio Reis**. Por Auri Silvestre & Moraezinho, 1973.

SZASZ, Thomaz S. **A fabricação da loucura**: um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

TITÃS, Já. **Tudo ao mesmo tempo agora**. Por Joaquim Jr. / Antonio Bellotto / Charles Gavin / Marcelo Fromer / Jose Fernando Gomes Dos Reis / Paulo Miklos / Sergio Affonso / Arnaldo Filho, 1991.

THOMAZONI, Andresa. 000104.0: um tempo, uma vida: COSTA, Luciano Bedin; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do fora**: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 139- 144.

WENTZ NETO, Louis Emil Theodor. **Transformai as velhas formas do viver**: sobre as potências da fotografia junto as paisagens urbanas. Universidade Federal do Espírito Santo: Dissertação (Mestrado em Psicologia), 2014.